



EQUIPES DE NOSSA SENHORA
Equipe Responsável Internacional

À descoberta do Cristo

Quem dizem os homens que eu sou? (Mc 8,27)
Tema de preparação para o Encontro Internacional de Lourdes

Super-Região • Brasil 2006

Equipes de Nossa Senhora
Equipes Notre-Dame • Teams of Our Lady • Equipos de Nuestra Señora
Equipas de Nossa Senhora • Ehegruppen E. N. D.

À DESCOBERTA DO CRISTO

QUEM DIZEM OS HOMENS QUE EU SOU? (MC 8,27)

Tema de preparação para o
Encontro Internacional de Lourdes

Equipe Responsável Internacional
Outubro 2005

A Equipe Responsável Internacional não autoriza nenhum grupo de casais, que não seja admitido no Movimento, a intitular-se "EQUIPES DE NOSSA SENHORA".

Este documento é de uso interno do Movimento das Equipes de Nossa Senhora

Responsabilidade:

Equipe da Super-Região Brasil
R. Luis Coelho, 308 • 5º andar • cj 53
cep 01309-902 • São Paulo - SP
Fone: (0xx11) 3256.1212 • Fax: (0xx11) 3257.3599
www.ens.org.br • secretariado@ens.org.br

Tradução

Monique e Gérard Duchêne

Edição e Produção:

Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.
R. Turiassu, 390 - 11º andar, cj. 115
São Paulo - SP • Fone: (11) 3875.3911
www.novabandeira.com.br
novabandeira@novabandeira.com.br
2005

Projeto Gráfico e Diagramação:
Alessandra Carignani

ÍNDICE

Introdução	04
Apresentação do Tema de Estudos	05
Como se articula o nosso Tema de Estudos?	07
<i>Primeira Reunião</i>	
O homem à procura de Alguém que dê sentido à vida	11
<i>Segunda Reunião</i>	
Os homens desejam a paz e a justiça para o universo inteiro	20
<i>Terceira Reunião</i>	
O alcance universal da fé	28
<i>Quarta Reunião</i>	
A vocação pessoal: “Meu nome está nos céus”	36
<i>Quinta Reunião</i>	
O apelo à formação de um casal: consciência da vocação conjugal	46
<i>Sexta Reunião</i>	
A resposta pessoal e a resposta do casal	55
<i>Sétima Reunião</i>	
Acolher o outro para acolher o Senhor	65
<i>Oitava Reunião</i>	
“Quem dizem que eu sou?” — “Tu és o Cristo, o Filho de Deus”	74
<i>Anexo 1</i>	
Cristo, Senhor da História, <i>Mons. François Fleischmann</i>	84
<i>Anexo 2</i>	
“Quem dizem eles que eu sou?”, <i>Jan e Peter Ralton</i>	91
<i>Anexo 3</i>	
João Batista, para uns Elias, ou para outros um profeta <i>José e Maria Berta Moura-Soares</i>	98
<i>Anexo 4</i>	
“Tu és o Cristo”, <i>Colette e Marin Voisin</i>	106
<i>Anexo 5</i>	
“E vós, quem dizeis que eu sou?”, <i>Silvia e Francisco de Assis Pontes</i>	113

INTRODUÇÃO

Um novo ano equipista sempre traz consigo sementes de esperança. Por isso, alegremo-nos ao apresentar a edição brasileira do tema de estudo para 2006. É o anúncio do porvir trazendo ânimo e o desejo irresistível de recomeçar.

É essencial para o casal cristão reforçar e aprofundar o seu conhecimento da fé, diz o Guia das ENS. Este é o papel do tema que oferece sementes à procura de vasos que queiram deixar a beleza e o amor florescer. É uma nova primavera irrompendo no coração daqueles que amam e se deixam amar.

A pessoa de Cristo será o cerne da reflexão de 2006. Será também o eixo central da preparação para o Encontro de Lourdes que ocorrerá em setembro.

Temos motivos suficientes para nos engajarmos “de todo o coração” na proposta da ERI: todas as equipes do mundo estudando o tema “*Quem dizem os homens que eu sou?*”.

O importante será mergulharmos na intimidade de Cristo. Avançaremos por caminhos ainda não conquistados definitivamente e sintonizaremos com os Seus sentimentos para conhecê-LO mais intimamente.

É próprio do amor aspirar à união com aquele que se ama, afirma o Pe. Caffarel. Também é próprio do amor desejar a felicidade que a união oferece. Em se tratando de Deus, essa aspiração chama-se esperança. Esperança de que o amor tome conta de nós e nos conduza a cada dia à procura de Deus que nos fala através do cônjuge. Esperança-certeza de que a perfeição na caridade vivida na comunhão conjugal nos abrirá às necessidades do outro, dos outros e, cada vez mais, do Outro. Desvendaremos o mistério da fecundidade onde o ministério conjugal nos reserva uma missão original: a fecundidade eclesial. Há um imenso campo de possibilidades concretas para a atuação dos casais equipistas. Basta o simples desejo de querer estar ao lado dos que precisam de socorro, dizem Sílvia e Chico (anexo 5). Basta o simples desejo de querer estar ao lado dos que precisam de socorro. Experimentaremos toda essa riqueza procurando responder a questão que nos é proposta por Cristo: “*E vós quem dizeis que Eu sou?*”.

Uma boa reflexão a todos.

Equipe da Super-Região

APRESENTAÇÃO DO TEMA DE ESTUDOS

Por que escolher esta página do Evangelho como o tema de estudos que deverá, este ano, conduzir-nos aos poucos ao nosso próximo Encontro Internacional? Os motivos dessa escolha são muitos; talvez cada um de vocês pudesse encontrar outros. Entre todos os outros, entretanto, o mais determinante é este: a época em que vivemos exige de nós uma *tomada de consciência da fé*, da qual não podemos e não devemos fugir se quisermos viver plenamente a nossa identidade de seres humanos, de pessoas que crêem, de equipistas.

Com efeito, o homem de hoje, e mais ainda aquele que crê, é chamado a uma autenticidade profunda; é chamado a prestar contas de sua fé e, para isso, precisa ter plena consciência desse fato. O próprio Jesus apela à nossa inteligência da fé, à nossa pesquisa crítica de crentes adultos; é Jesus que nos exorta a nos colocarmos numa atitude de escuta, de procura, de troca, de diálogo; é o próprio Jesus que nos interroga para nos fazer compreender que somente uma fé capaz de se interrogar sobre si mesma pode acolher, escutar, reconhecer a Palavra de Deus e a palavra dos homens. *Conhecimento e vitalidade* serão os frutos do nosso aprofundamento e do nosso itinerário.

Jesus pergunta aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?”. Os discípulos parecem não entender bem o sentido da pergunta. Jesus insiste: “E vós, quem dizeis que eu sou?” A resposta é simples e clara: “Tu és o Messias”. Contudo, essa pergunta, mais de vinte séculos depois, continua atual e viva para cada um de nós; é a pergunta que atravessa a história dos homens e a história de cada um dos que dizem crer. Responder “Tu és o Messias” não basta, porque a nossa resposta exige a conversão de nossa vida e que realmente sigamos a Cristo. Por isso, antes de conseguirmos pronunciar a nossa resposta pessoal de homens e mulheres de fé – “Tu és o Cristo, o Filho de

Deus” – precisamos efetuar uma tomada de consciência que nos leve a renovar com total lucidez o nosso ato de fé.

Assim, o objetivo deste tema de estudos é propor um esforço de reflexão e de oração a partir de uma pergunta mais pessoal: quem sou? quem sou “eu”? o que procuro em minha vida? o que penso, o que digo, o que faço para dar um sentido à minha vida e consistência à minha fé? Assim poderemos finalmente ouvir em plena lucidez a pergunta do Cristo que nos interroga: “Quem dizeis que eu sou?” e responder claramente: “*Tu és o Eterno, Tu és o meu Pastor, nada me falta. Em verdes pastagens me fazes repousar. Para as águas tranqüilas me conduzes, e restauras minhas forças; tu me guias aos caminhos da justiça porque és o Cristo, o Filho de Deus*” (cf. Sl. 23/22, 1-3).

COMO SE ARTICULA O NOSSO TEMA DE ESTUDOS?

O trecho do Evangelho que meditamos contém três frases-chave que constituem o escopo da nossa reflexão. Trata-se de duas perguntas e uma resposta, todas muito claras, nítidas, essenciais e, ao mesmo tempo, radicais:

Quem dizem os homens que eu sou?

É uma pergunta de atualidade que Jesus nos faz ainda hoje. Quem é Jesus para a maior parte das pessoas no mundo de hoje?... Muitos não o conhecem. Para outros, é simplesmente um personagem histórico. Para a maioria, ele não apresenta interesse algum.

E vós, quem dizeis que eu sou?

É a pergunta que Jesus faz a todos os batizados, isto é, a todos os que formalmente o aceitaram como o Cristo. Mas entre eles, também, há várias categorias:

- a) Os indiferentes: os que não têm consciência da importância da salvação (a maioria);
- b) Os ritualistas: os que se agarram aos ritos e freqüentemente têm aproximações religiosas de tipo mágico ou mesmo supersticioso (religiosidade popular);
- c) Os engajados: são cristãos conscientes da salvação do mundo trazida por Cristo e que têm uma relação pessoal com Cristo.

Tu és o Cristo, o Filho de Deus.

Foi a resposta de Pedro. A tarefa que lhes propomos neste tema de estudos é efetuar uma reflexão pessoal para descobrir quem é o Cristo para nós, sem perder de vista a resposta de Jesus a Pedro que lemos no texto de Mateus: *“Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelaram isto, e sim, o meu Pai que está nos céus”* (Mt 16, 17). Em conseqüência, nós os encorajamos a intensificar a sua oração durante este ano de preparação ao Encontro de Lour-

des, pedindo ao Pai, por Jesus Cristo e pela intercessão de Maria, que lhes revele “*qual é a Largura, o Comprimento, a Altura e a Profundidade do amor de Cristo, que excede a todo conhecimento, para que sejam plenificados com toda a Plenitude de Deus*” (Ef 3, 18-19).

Ao longo das três primeiras reuniões será aprofundado e desenvolvido o alcance da dúvida, da ansiedade e da procura de um sentido de vida que diz respeito a qualquer homem e no qual se reencontra toda a humanidade: até mesmo aquele que fez a escolha da fé pode conhecer ao mesmo tempo a dúvida e a procura de sentido. A pergunta de Jesus, nós a fazemos a nós mesmos: “quem sou eu?”, “o que procuro?”, “o que desejo?”, “para onde vou?”, “que ser humano quero ser e em qual quero me tornar?”

A quarta reunião nos ajuda a compreender como o meu “eu”, a minha identidade de ser humano, me foi dado e querido por Deus, porque “desde sempre o meu nome está escrito nos céus” (cf. Lc 10, 20; Hb 12, 23). Não posso separar o que sou como homem do que sou como criatura de Deus: faço parte integrante do projeto de Deus para toda a criação.

Finalmente, as três últimas reuniões, graças à tomada de consciência progressiva de nossa vocação pessoal e conjugal, nos levam a ser homens e mulheres que crêem e que – principalmente como equipes e equipistas – estão ao serviço da Igreja e do mundo de uma forma determinada e consciente.

Encontramo-nos diante de uma página evangélica que nos parece, a nós homens e mulheres do terceiro milênio, de impressionante atualidade, porque é uma página que se dirige a nós na primeira pessoa, para que possamos dar uma resposta clara sobre o sentido de nossa vida e de nossa fé. Quem nos interroga é o próprio Cristo: diante d’Ele não podemos representar, usar de subterfúgios, tergiversar, fingir. Diante do Cristo que nos interpela, só podemos dar as costas ou começar a caminhar; só podemos enfronhar-nos no silêncio ou começar a dialogar: conosco mesmos, com os outros que estão perto de nós, com Ele. Se aceitamos seguir por esse caminho, devemos

fazê-lo com seriedade, de forma responsável, porque o rosto que vemos é o do próprio Cristo que, sem palavras inúteis, nos fita nos olhos e nos pergunta: “*E vós, quem dizeis que sou?*”

Advertência

Dependendo do nosso humor, do nosso estado de espírito no momento ou do nosso cansaço, algumas passagens ou alguns textos deste tema poderão nos parecer difíceis. Nem por isso devemos desanimar e “jogar fora o bebê com a água do banho”.

Se o significado de alguma palavra nos escapa, peguemos o dicionário e procuremos. Enriqueceremos assim o nosso vocabulário.

Lembre-mo-nos de que o tema de estudos quer nos encorajar à reflexão pessoal, em casal e em equipe, e que qualquer estudo requer um certo esforço intelectual. Com efeito, o estudo do tema faz parte do aspecto “formação” da pedagogia do movimento das ENS.

Portanto, boa formação a todos!

Para refletir sobre a Palavra de Deus

Vários textos são propostos para alimentar a nossa meditação da palavra de Deus.

Talvez possamos escolher um deles para aprofundar durante o mês, um pouco mais a cada dia, por ocasião da nossa oração interior diária.

A oração comunitária de nossa reunião mensal poderia basear-se em um dos outros textos propostos pelo mesmo tema.

Para continuar a reflexão

Os equipistas que o desejarem poderão encontrar no fim deste documento, em anexo, a conferência de Mons. Fleischmann, Conselheiro Espiritual da Equipe Responsável Internacional, assim como os depoimentos apresentados por quatro casais Super-Regionais, por ocasião do Colégio do Rio de Janeiro em julho de 2004, sobre o tema: “*Quem dizem os homens que eu sou?*”

Primeira Reunião

O HOMEM À PROCURA DE ALGUÉM QUE DÊ SENTIDO À VIDA

O ser humano, ao longo de sua existência, prossegue na busca do sentido profundo da sua vida. Na história da humanidade, diferentes culturas propuseram teorias e projetos que podiam dar respostas satisfatórias. A mais verdadeira das respostas é, porém, aquela que todo homem deve ele mesmo procurar: uma busca longa e profunda que leva ao encontro de toda criatura com o seu Criador.

Buscar o sentido da vida

Todo ser humano procura o sentido de sua vida. Por que viver? Essa é a pergunta que cedo ou tarde fazemos. Uma pergunta que se impõe em todas as etapas importantes de nossa vida e frente a todas as escolhas que nos comprometem, uma pergunta que nos estimula e provoca constantemente.

O que procura a maioria de nós? O que cada um de nós deseja? Sem dúvida, procuramos todos, de alguma forma, a felicidade e a paz; principalmente num mundo marcado pelas contradições, pelos conflitos, pelas injustiças e pela desordem, a impressão de estarmos desorientados nos leva a desejar um refúgio onde buscar e encontrar um pouco de paz. No entanto, nessa procura desvairada, acabamos por passar de uma experiência a outra, de uma situação a outra, de um “mestre” a outro, sem nunca atingirmos a nossa meta. Verdadeiramente, toda vida tem o seu sentido e cada um deve trabalhar sobre si mesmo, e sobre a sua vida, para buscar e encontrar as respostas.

Algumas pessoas fazem coisas muito simples, outras, coisas muito complexas; o que importa é não confundir o sentido com a utilidade, com o sucesso ou o êxito na perseguição dos nos-

sos objetivos; porque o sentido e o valor das coisas e dos atos que fazem parte de nossa vida residem naquilo que eles revelam do nosso espírito e no significado que nos trazem e trazem à nossa vida. Assim, os cuidados diários de uma mãe por seus filhos não são menos importantes que a atividade de um chefe de Estado a serviço de seu povo.

Em nossa busca por um sentido, arriscamos, por vezes, tirar o sentido das coisas que o têm. Também corremos o risco de inventar ou atribuir sentido a coisas que não o têm. Reside aí uma tensão contínua. Se, por nossa cultura, nossa economia ou nossa prática política criarmos as condições de uma vida sem sentido, não poderemos nos queixar de que a nossa vida não tem sentido, nem procurar noutro lugar, na Igreja, na política, no trabalho, no sucesso, na felicidade, no prazer, a resposta à questão essencial que nos interpela no mais profundo de nós mesmos.

Procurar as respostas

Todo ser humano procura respostas fundamentais à pergunta sobre a razão de viver, porque “... à diferença dos animais, para os quais o futuro está no seu passado, no sentido em que ele é determinado pela natureza, o homem, ser livre e senhor de seu destino, não é determinado pelo passado; é capaz de atirar-se no seu futuro e, principalmente, é capaz de projetar o que ele deve ser, do ideal e do tipo de homem que quer realizar. É isso que sempre fez na história. As diferentes civilizações que se sucederam – a civilização grega, a romana, a cristã medieval, a civilização moderna – (...) todas tiveram um ‘projeto de humanidade’, e podemos dizer o mesmo da civilização atual. Mas há uma diferença: enquanto as civilizações do passado, homogêneas no seu essencial, propunham um projeto único de humanidade, a civilização moderna e contemporânea, essencialmente pluralista do ponto de vista ideológico e cultural, apresenta ao contrário projetos numerosos e diversos, aos quais correspondem projetos de

futuro diferentes e opostos. Dentre esses projetos, os principais parecem-nos ser os três seguintes: projeto tecnológico, projeto consumista e o projeto libertário.

a) o projeto tecnológico

“É o projeto de um homem e de um mundo rigorosamente submetido à racionalidade científica, no qual nada é deixado ao acaso, à imaginação ou ao humor do momento, mas no qual tudo é determinado e previsto pelo computador, para evitar erros e desperdícios econômicos, desordem social e sofrimentos.(...). Esse projeto tem confiança absoluta na ciência – que acredita poder resolver todos os grandes problemas colocados pelo desenvolvimento industrial atual – e, principalmente, na razão humana.”

b) o projeto consumista

“Vemos aqui no homem um ser que tem ‘necessidades’ sempre novas e crescentes. E por isso propõe-se satisfazê-las pela produção e pelo consumo de bens materiais, em quantidade cada vez maior e qualidade cada vez melhor. O ideal a que tende esse projeto é a criação da sociedade do bem-estar, da sociedade do ‘ter’, na qual todo homem deve poder satisfazer todas as suas necessidades, tanto as necessidades primárias como aquelas que são criadas artificialmente”.

c) o projeto libertário

“O homem é aqui considerado como um ser com ‘desejos’, desejos esses reprimidos pela sociedade com suas leis, pela moral com os seus ‘tabus’ e pela religião com os seus preceitos. Propõe-se libertar o homem de toda ‘lei opressiva’ e de toda moral ‘repressiva’, para permitir-lhe gozar de seu direito à felicidade e, principalmente, de seu direito de ser livre de toda forma de opressão e alienação. Nessa perspectiva, visa-se a criação de uma sociedade livre, isto é, onde cada um é livre para satisfazer os seus ‘desejos’ da forma que melhor lhe convier.

“Esses ‘projetos de humanidade’ estão presentes na cultura atu-

al e têm uma grande influência sobre os nossos contemporâneos. A idéia subjacente de 'libertação' lhes dá um atrativo particular. O homem de hoje aspira a ser livre de todo condicionamento e de toda forma de coação, quer seja de ordem social e econômica, quer de ordem moral e religiosa, livre do sofrimento, livre das necessidades, livre do medo. Esses diversos projetos de humanidade apresentam-se precisamente como libertadores. Mas será que realmente o são? ou, em vez de libertar o homem, ameaçam reforçar as antigas servidões e criar outras novas?" (Raffaele Sacco, in L'Osservatore Romano, maio 2003).

De uma maneira ou de outra estamos presos a um desses três projetos de civilização, ao mesmo tempo em que acolhemos os valores propostos em cada um deles e, provavelmente mais por um do que pelos outros. No fundo, não nos sentimos realizados e isso nos leva a uma outra realidade, que talvez muitos de nós vivemos: o sentimento de estar desorientados, de viver no provisório ou na precariedade em relação a qualquer ideologia ou qualquer projeto. Tudo, em torno de nós, parece tão destituído de fundamento e de significado que somos levados a procurar na evasão a resposta à nossa inquietude, ou então, a nos interrogar cada vez mais profundamente sobre o sentido a dar à nossa vida. Isso pode desembocar numa atitude negativa que nos leva a viver resignados e impotentes, mas também pode nos dar a oportunidade de retomar os dons de nossa inteligência e de nossa liberdade para escolher caminhos que nos pareçam mais autênticos para a nossa vida.

Não se trata então de escolher uma forma de ser homem segundo um ou outro dos projetos (tecnológico, consumista ou libertário), mas sim de compreender o verdadeiro sentido do que é uma pessoa e de querer ser pessoa.

Trata-se simplesmente de um "projeto de humanidade" cujo objetivo é que todo ser humano se torne realmente uma pessoa. Mas tal projeto será possível? Não será necessário uma vida inteira para realizá-lo plenamente?



Para refletir sobre palavras pronunciadas por homens

Os textos seguintes revelam, cada um à sua maneira, a necessidade profunda da pessoa encontrar o sentido de sua vida no meio do mundo e no projeto de civilização em que está implicado.

Marianella Garcia Villas, da República do Salvador, advogada, deputada no Parlamento e depois presidente da Comissão dos Direitos Humanos do Salvador, assassinada em 13 de março de 1983, durante a guerra civil do seu país:

O sentido de minha vida é ser um pequeno elemento na vida de meu povo; minha história não é senão uma parte da história do povo inteiro, eu sou uma mulher comum. Mas no Salvador as pessoas comuns não estão ao abrigo, estão sem defesa; no Salvador, as pessoas comuns morrem, são muitas vezes encarceradas, fazem-nas desaparecer, são assassinadas. No Salvador, mas também no mundo inteiro, os pobres, que são as pessoas mais comuns, não morrem de velhice, mas sim de pobreza.

Luigi Pintor, homem político italiano, leigo, e que diz não crer:

Nada de mais importante numa vida inteira do que inclinar-se para que um outro, agarrando-se ao teu pescoço, possa levantar-se. (L. Pintor, Servabo, 1992)

Don Carlo Molari, teólogo, Conselheiro Espiritual de uma equipe:

Há muitos sinais que mostram que é possível orientar positivamente o itinerário humano. É preciso reconhecê-los, cultivá-los e difundi-los, para que a esperança possa ser fundada.

O primeiro sinal de esperança é a sede de interioridade e a busca da espiritualidade. A busca espiritual intensifica-se atualmente. A procura apaixonada de humanidade provém do fato que o homem é realmente

chamado à felicidade, ao bem-estar, ao domínio sobre as coisas. Esse apelo tem necessariamente efeitos na esperança instintiva que leva o homem a encontrar na vida a maior alegria possível. Isso exige, porém, (...) o abandono definitivo da lógica da acumulação. É uma etapa que não se pode vencer sem redescobrir a riqueza interior das pessoas. Daí a necessidade de uma vigorosa retomada da interioridade. (...)

*Somente uma forte interioridade pode ajudar a perseverar na luta contra a corrente. Para o homem atual, o problema crucial é saber se existe uma resposta absoluta e definitiva às expectativas históricas do homem, ou se, pelo contrário, é possível viver contentando-se com respostas parciais, provisórias, em constante tensão. Alguns não conseguem suportar essa situação e desmorona. Outros refugiam-se no fundamentalismo, que não passa de nostalgia dos momentos fortes de sua história. Outros avançam porque continuam a guardar motivações ilusórias; outros ainda, porque encontraram Deus e vivem a esperança teologal. São formas diferentes de praticar a esperança, vivendo a dinâmica da vida espiritual de maneira mais ou menos perfeita. (C. Molari, *Un passo al giorno*, 1985)*

Um jovem de 18 anos:

À imagem do Cristo que estou olhando:

Gostaria de encontrar-te. Gostaria tanto de ver os teus olhos quando Madalena chorava aos teus pés. Gostaria de ver as tuas mãos que os discípulos reconheceram imediatamente pela fração do pão. Gostaria de ouvir a tua voz, quando as multidões fascinadas, vindas justamente para isso, te ouviam. Ela devia ser sublime. Gostaria de ver o teu rosto que perdoava os golpes recebidos. Mas acima de tudo gostaria de falar contigo, mesmo que fosse somente por

uma hora, de te saturar com perguntas a respeito de tudo o que não sei, de tudo o que me deixa dúvidas, gostaria de saber o que pensas de Brahms, ou de Puccini, de d'Annunzio, de Marx... de mim.

O Padre Henri Caffarel

Não duvido que o gosto do absoluto seja uma fome de Deus inscrita em todo homem. Essa fome é a própria definição do homem: é a substância humana que é esfomeada, que é por si mesma fome de Deus. Eis porque eu lhe dizia e repito: o verdadeiro problema não se encontra entre você e seu marido, mas entre você e Deus. Encontre Deus, entregue-se a Ele, e a sua vida será transformada... (H. Caffarel, Aux Carrefours de l'Amour, pp. 26-27).



Para refletir sobre a Palavra de Deus

Jo 4, 6-15

Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto ao poço. Era por volta da hora sexta. Uma mulher samaritana chega para buscar água. Jesus lhe diz: “Dá-me de beber!” Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe então a samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim, que sou samaritana?” (Pois os judeus não se dão com os samaritanos). Jesus lhe respondeu: **“Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!”** Ela lhe disse: “Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo: de onde, pois, tiras esta água viva? És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, com os seus filhos e os seus animais?” Jesus lhe respondeu: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de

água jorrando para a vida eterna.” Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem tenha de vir mais aqui para tirá-la.”

Do Salmo 36 (35), 8-12

Como é precioso, ó Deus, o teu amor!
Deste modo, os filhos de Adão
se abrigam à sombra de tuas asas.
Eles ficam saciados com a gordura de tua casa,
tu os embriagas com um rio de delícias;
**pois a fonte da vida está em ti,
e com tua luz nós vemos a luz.**
Conserva o teu amor por aqueles que te conhecem
e tua justiça para os corações retos.
Que o pé do soberbo não me atinja,
e a mão dos ímpios não me faça fugir.



Perguntas para mim e para nós: o dever de sentar-se

De um ponto de vista simplesmente humano, sem referir-se explicitamente à fé que, por vezes, também pode mascarar as nossas ansiedades e os nossos temores, procuremos responder com sinceridade:

- *Será que eu também sinto, será que nós sentiremos, esse sentimento de inquietude e de perturbação que faz com que nos perguntemos, no mais profundo de nós mesmos: que sentido tem nossa vida? Por que viver?*
- *Que respostas encontramos em nós mesmos? Com que ajuda e de quem?*
- *A quem e a que coisas dou valor em minha vida diária? Como dou testemunho dessa escolha de valores? Afinal, quem sou eu? O que espero de mim mesmo?*
- *Que valores o nosso casal escolheu viver juntos e que ações confirmam a nossa orientação?*



Partilhar, procurar, entender juntos, em equipe

- *Quantas vezes percebemos que, diante das perguntas que se nos impõem no fundo da alma, encontramos respostas que não somos capazes de realmente assumir?*
- *O que impede o nosso espírito e o nosso coração de acolher a Verdade e de iniciar realmente o esforço de conversão ao qual aspiramos?*
- *Quais os obstáculos, em nós mesmos e em torno de nós, que tornam mais difícil a nossa caminhada?*

Bibliografia

- H. Caffarel, *Aux carrefours de l'amour*, Parole et Silence, nova edição, outubro 2001; trad. bras. *Nas Encruzilhadas do Amor*, Ed. Santuário, 3a. ed. 2003.
- G. Florio, *Perchè vivere?* EdB, Bolonha, 1984
- C. Molari, *Un passo al giorno*, Cittadella ed., 1985
- P. Raffaele Sacco, Rcj, in *L'Osservatore Romano*, maio 2003
- J. Krishnamurti, *La ricerca della felicità*, Fabbri, 1997
- L. Pintor, *Servabo*, Feltrinelli, Milano, 1992.
- E obrigado pelas reflexões e idéias de Raniero La Valle, Marianella Garcia.

Segunda Reunião

OS HOMENS DESEJAM A PAZ E A JUSTIÇA PARA O UNIVERSO INTEIRO

Procuramos todos a paz, mas demasiadas vezes não vivemos em paz. Talvez nos enganemos de paz: queremos uma paz calma e tranqüila, enquanto a verdadeira paz é o fruto de um constante empenho para conquistá-la.

Jesus, nosso Mestre, deu-nos a sua paz: uma paz verdadeira que não deve e não quer ignorar os valores da justiça e do perdão.

A paz

“Procura a paz e segue-a” (Sl 34, 15). A palavra *Shalom*, do texto original hebraico, significa a paz como plenitude, bem-estar, prosperidade, integridade, o que vai no sentido de uma natureza humana não desfigurada, nem violentada, nem oprimida, mas inteiramente reconciliada. É a realização total do “sonho” de Deus, do Deus da vida, para quem a paz e a vida são inseparáveis. Essa paz não nasce por si mesma; é preciso procurá-la, descobri-la, conhecê-la, persegui-la. E persegui-la não significa atingi-la ou obtê-la, mas tentar atingi-la ou obtê-la. O empenho em procurar a paz “aqui e agora” deve ser constante: os que vivem na expectativa do Reino esperam e anunciam a sua paz; fazem-se os servidores e os construtores da paz; oferecem e acolhem a paz. Contudo, a paz nunca será definitiva: cada passo para a frente e cada sucesso não passarão de sementinhas, de modestos tijolos, de sinais. A história, tanto pessoal como coletiva, procede e avança ao preço de contínuas fraturas e recomposições; nunca é estática, mas sim dinâmica: e é por isso que a paz à qual um dia se chegou nunca poderá ser estável, nem definitiva.

Associamos habitualmente a palavra paz com algo estático: descansa-se em paz e não se combate em paz; senta-se em paz, mas não se toma parte em uma reunião em paz. Considera-se a paz como uma ausência de conflito, enquanto para nós, cristãos, a paz é um dom do Espírito e não um estado estático de descanso ou relaxamento, é algo mais comprometedor. A paz é uma conquista, um esforço, um empenho, um desafio contínuo, enquanto o conflito permanece um elemento inevitável da vida que precisamos viver de maneira construtiva e positiva. Jesus nos deixa a sua paz e exorta os homens a conquistar a paz: a vinda de Cristo na terra é uma mensagem para os homens de boa vontade, para os pastores, para os mais humildes; a ressurreição de Cristo traz aos apóstolos assustados a paz, e lhes dá, com a paz, a energia necessária para anunciar a Boa Nova. Bem-aventurados serão os que promovem a paz!

Antigamente, em nossas igrejas, nada soava melhor aos nossos ouvidos do que ouvir falar de paz: para ultrapassar o limite entre a guerra e a paz, parecia-nos bastar um pequeno esforço de boa vontade. As coisas se complicaram quando prestamos atenção ao que nos lembrava Isaías: “A paz é o fruto da justiça” (cf. Is 32, 15-20).

A justiça

A partir do momento em que se começou a apresentar a paz em companhia da justiça, o discurso sobre a paz não só se tornou mais desestabilizante, mas nos fez compreender muitas coisas:

- Nunca haverá paz enquanto os bens terrestres permanecerem injustamente distribuídos;
- A guerra não é unicamente o troar dos canhões ou o explodir da bomba atômica ou de substâncias químicas, mas também a existência de certos sistemas econômicos violentos, mesmo quando suportados em resignado silêncio;
- Absurdo não é somente o fato de haver no mundo ricos e pobres, mas que os ricos se tornem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres;

- A linha divisória entre a paz e a guerra não está entre o Leste e o Oeste, mas sim entre o Norte e o Sul, entre os povos ricos e o Terceiro Mundo, imerso em dívidas e à beira do abismo.

Sem dúvida, cada um de nós, nas mil formas de violência pública ou privada que se desenvolvem a cada dia, considera-se cúmplice da guerra e nela atiza os focos.

“Se não temos a coragem de dizer que, se não devemos vender armas, também não as devemos produzir, que a política dos blocos é injusta, que o perdão das dívidas do Terceiro Mundo não é senão um adiantamento em relação a tudo o que devemos aos dois terços da humanidade, que a lógica do desarmamento unilateral também não deixa de ter relação com a do Evangelho, que a não-violência ativa é um critério da prática cristã, que algumas formas de objeção de consciência são o sinal de um maior amor pela cidade terrestre... se não tivermos a coragem de dizer tudo isso, permaneceremos cotos de vela esfumaçados e não tochas de Páscoa. (Don Tonino Bello, Bispo).

A justiça vai de par com a paz e com ela mantém uma relação constante e dinâmica. A justiça e a paz tendem para o bem de cada um e de todos, e por isso nos pedem a ordem e a verdade. Quando uma delas está ameaçada, ambas vacilam; quando a justiça é ferida, a paz também está arruinada. O ardente apelo de João Paulo II ressoa fortemente em nossos corações: “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão.”

Se a paz é um dom que recebemos junto com o perdão, ela é obrigatória e, principalmente, fruto da justiça, porque a justiça elimina as causas dos conflitos e torna os homens livres para se expressar. Sem justiça, nunca será possível falar em paz. Enquanto os bens terrestres estiverem tão iniquamente repartidos, enquanto os ricos se tornarem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, a paz da qual falamos não passará de pálida sombra da verdadeira paz de Cristo.

Com respeito a isso, nós, casais cristãos e equipistas, temos o

dever de educar os nossos filhos num ambiente de justiça e de paz e de desenvolver neles atitudes e valores cristãos, a fim de contribuir de modo eficaz para a justiça e a paz no mundo. É preciso lutar contra a corrente de violência difundida pela mídia e, ao mesmo tempo, estimular em nossos filhos uma consciência crítica diante dos antivalores que ela apresenta.

A paz e a justiça em indissolúvel unidade

“Amor e fidelidade se encontram, justiça e paz se abraçam”: esse versículo do Salmo 85 (84) associa à paz e à justiça dois conceitos importantes para o casamento: o amor e a fidelidade. Essa simples frase nos faz compreender que a justiça é parte integrante da conquista da paz. Em toda comunidade cristã, a começar pela família e chegando até às relações internacionais, a ausência de justiça torna impossível a serenidade nas relações e uma igual dignidade; a desconfiança se instala; os abusos e a discórdia, os conflitos e a guerra tornam-se inevitáveis, conseqüência previsível e, em alguns casos, procurada, para continuar a alimentar um sistema profundamente injusto. Não se pode dizer ao irmão “a paz esteja contigo”, se lhe falta o necessário.

“A paz na terra, profunda aspiração dos homens em todos os tempos...” assim começa a encíclica “Pacem in Terris” de João XXIII. Hoje em dia, são numerosos os seres humanos que fazem parte desses homens de boa vontade que, independentemente de fé ou raça, combatem juntos por um mundo mais justo e pacífico, a começar pelas realidades do casal e da família até chegar às nações e aos povos.

“Se queres a paz no mundo, debes obter a paz em teu país, se queres a paz em teu país, debes obter a paz nas cidades, se queres a paz nas cidades, debes obter a paz nas famílias, se queres a paz nas famílias, debes obter a paz em ti mesmo.”



Para refletir sobre as palavras dos homens

Li Tien Min:

Pouco importa quem és: homem ou mulher, operário ou camponês, soldado, estudante ou comerciante; pouco importa o teu credo político ou religioso; se te perguntarem qual é a coisa mais importante para a humanidade, responde: antes, depois e sempre, a paz!

Baden Powell:

No que diz respeito ao mais vasto problema da paz mundial, parece-me que antes de conseguir suprimir as armas, antes de poder fazer promessas nos tratados, antes de construir palácios onde possam reunir-se os delegados para a paz, a primeira etapa consiste em acostumar as jovens gerações de todos os países a se deixarem guiar em todas as coisas por um sentido absoluto de justiça. Se os homens tivessem feito desse sentido de justiça um instinto que orientasse sua conduta em todos os problemas da vida, a ponto de examiná-los imparcialmente dos dois pontos de vista opostos antes de adotar um deles, então, ao surgir uma crise entre dois países, estariam mais espontaneamente prontos para reconhecer o que é justo e adotar uma solução pacífica, o que é impossível enquanto o seu espírito estiver habituado a considerar a guerra como a única solução.

Tonino Bello, Bispo:

A Bíblia evoca freqüentemente o abraço da paz e da justiça de maneira similar ao abraço de uma mãe em seu filho, ou do abraço de dois amantes. A paz é fruto da justiça, diz Isaías em magnífica passagem [...]; compreende-se facilmente que haja dificuldade, para muitas pessoas “religiosas tradicionais”, em aceitar esta descoberta, bastante recente, do liame existente na Bíblia, entre paz e justiça.

Martin Luther King:

“Nunca teremos paz nesta terra enquanto em toda parte os homens não perceberem que o fim nunca pode ser separado dos meios, porque os meios representam o ideal em potencial, enquanto o fim representa o ideal em ato; e não se pode atingir um fim bom com maus meios, da mesma forma que não podemos obter uma árvore boa a partir de sementes ruins. É curioso observar-se que todos os grandes gênios militares do mundo falaram da paz. Os antigos conquistadores que matabam para estabelecer a paz, Alexandre, Júlio César, Carlos Magno, Napoleão, todos desejavam em palavras uma ordem pacífica. Se lerem atentamente “Mein Kampf”, descobrirão que Hitler afirmava com insistência que tudo aquilo que fazia na Alemanha tinha por único objetivo estabelecer a paz. E a eloquência dos que hoje dirigem o mundo é maravilhosa quando tratam da paz: todas as vezes que largamos bombas no Viet-Nam do Norte, o Presidente Johnson fala de paz. Onde está o problema? Todas essas pessoas falam da paz como de um objetivo longínquo, como de um fim que alcançaremos algum dia; sabemos, entretanto, que será logo preciso considerar a paz não somente como um objetivo, mas como o meio pelo qual poderemos alcançar o próprio objetivo. Precisamos chegar aos fins pacíficos por meios pacíficos”.



Para refletir sobre a palavra de Deus

Jo 14, 21-29

“Quem tem meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei.” [...] “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabeleceremos

morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou. Estas coisas vos tenho dito estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração. Vós ouvistes o que vos disse: Vou e retorno a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu. Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis.”

Sl 85 (84), 8-14

Mostra-nos o teu amor, ó Senhor,
e concede-nos a tua salvação.
Vou ouvir o que o Senhor Deus diz,
porque Ele fala de paz
ao seu povo e seus fiéis,
para que não voltem à insensatez.
Sua salvação está próxima dos que o temem,
e a Glória habitará em nossa terra.
Amor e verdade se encontram,
justiça e paz se abraçam;
da terra germinará a verdade,
e a justiça se inclinará do céu.
O próprio Senhor dará a felicidade,
e nossa terra dará o seu fruto.
A justiça caminhará à sua frente,
e com seus passos traçará um caminho.



Perguntas para mim e para nós: o dever de sentar-se

- *Que significa para nós “fazer a paz”?*
- *Quais os motores de nosso perdão em casal?*

- *Como compreendemos a justiça no quadro do nosso casal; quais os momentos em que ressentimos um sentimento de injustiça em nossa relação?*



Partilhar, procurar, compreender juntos em equipe

- *Como gerimos nossos conflitos e nossas desavenças em casal e na equipe?*
- *Somos capazes de pedir perdão e de aceitar o perdão que nos vem do outro?*
- *Que caminhos utilizamos para a educação aos valores da solidariedade e da justiça?*
- *Como procuramos reagir, em nossa vida diária, ao desequilíbrio das riquezas no mundo que nos cerca?*

Bibliografia

- A. Bello, *Sui Sentieri di Isaia*, Ed. La Meridiana, Molfetta, 2001.
- AA.VV., *Conflitti, Violenza, Pace Sfida alle religioni*, Ed. Ancora, Milão, 2001.
- G. Martirani, *Il Drago e l'Agnello*, San Paolo, Milão, 2004
- G. Martirani, *La Danza della Pace*, San Paolo, Milão, 2004.
- R. Panikkar, *Pace e Interculturalità*, Jaca Book, Milão, 2002.
- AA.VV., *Dove è la pace sulla terra*, EMI, Bolonha, 2001.

Terceira Reunião

O ALCANCE UNIVERSAL DA FÉ

Nossa fé está fundada no Amor e o Amor verdadeiro só é possível quando endereçado a todos os homens de todos os tempos, de todas as culturas, de todas as religiões. O nosso zelo de pessoas que crêem nos leva, por vezes erroneamente, a reservar o nosso amor apenas aos nossos irmãos de fé, quando o Senhor nos disse claramente que veio para a salvação de todos.

Devemos, pois, viver a nossa fé num espírito aberto ao universal, ser capazes de ampliar o nosso horizonte e reconhecer os valores da alteridade, isto é, ver em qualquer “outro” o rosto de Cristo.

O valor da alteridade, fundamento do ecumenismo

O século do qual acabamos de sair é aquele no qual vimos aflorar, primeiro timidamente, e depois manifestar-se uma presença inevitável da alteridade, do “estrangeiro”, no próprio coração das diversas comunidades da sociedade; é o século no qual se afirmou a *necessidade inelutável do diálogo*. Depois de séculos em que o “diferente” era compreendido de maneira negativa, ou pelo menos mantido à distância, os últimos decênios nos ensinaram que, longe de contentar-nos em tolerar a diversidade, devíamos partilhá-la, aceitando o mistério do outro, mesmo quando ele nos parece ser um enigma. Com efeito, em todo “estrangeiro” há um enigma que aguarda ser interpretado para tornar-se mistério e lição de vida: o diálogo é o espaço vital para todos aqueles que descobriram, no respeito das diversas identidades, a sua plena “solidariedade” na pertença à única família humana. É pois preciso nos acostumar a considerar o outro e a alteridade como uma fonte de comunhão, e

não como um pretexto de exclusão. Podemos falar de verdade quando aceitamos difundir-la ou propagá-la pela violência ou quando ela é animada pelo desprezo que desconsidera o ser diferente? “A verdade separada do amor não é Deus, mas torna-se um ídolo que não devemos amar nem adorar”, escrevia Pascal. O Novo Testamento nos ensina que devemos manifestar a verdade na caridade, e isso quer dizer começar por uma prática cordial da alteridade que nos leva a aceitar o ritmo dos outros. E isso vale também do ponto de vista religioso. Com efeito, a Verdade não é uma posse ciosamente preservada que podemos manter de forma exclusiva, ou pior, que podemos transformar numa arma contra os outros. Muito pelo contrário, a Verdade é uma pessoa que nos possui: o cristão pertence ao seu Senhor, porque está imerso em sua morte e ressurreição.

A unidade da fé oposta à divisão das fés

Durante os últimos decênios, os cristãos começaram a considerar insustentáveis as divisões que, por muito tempo, marcaram a sua história. Divisões essas que geraram ódios, dilaceramentos, guerras, contradizendo ao apelo de Jesus para serem “um”. Cada vez são mais numerosos os cristãos convictos da necessidade de fazer tudo para recompor a unidade da fé e a aceitar a diversidade das maneiras de crer no único Senhor. Principalmente, a unidade, tão procurada nesse período fecundo para o ecumenismo, não é *contra* alguém; ela não deve significar uniformidade, mas sim, unidade pluralista, na qual as Igrejas, verdadeiras irmãs, se reconhecem mutuamente e colocam-se a serviço umas das outras. Para os cristãos, estar em comunhão tampouco é uma estratégia ou a procura de um poder necessário para opor-se aos “outros”, aos não cristãos, que se tornaram, de fato, maioria ou uma força agressiva. Se os cristãos estão unidos, é porque seguir o Senhor Jesus significa viver o mandamento do amor mútuo, colocar-se a serviço dos outros, principalmente dos mais pobres e mais fracos, renovar

constantemente o perdão e, portanto, as iniciativas de reconciliação. Contudo, não é só isso: percebemos aos poucos, nos últimos decênios, que as nossas cidades se tornam cada vez mais “pluralistas”, devido à presença compósita e multiforme de etnias, culturas e religiões que questionam profundamente a nossa identidade e a nossa tranqüilidade. “Dar razão da esperança que está em nós” (1 Pd 3, 15) torna-se uma exigência quase diária, que devemos traduzir em atitudes concretas de escuta e de acolhimento, evitando cultivar a nostalgia de épocas em que o nosso mundo era automaticamente cristão, e manifestar ressentimentos estéreis que alimentam lógicas de hostilidade.

Somos promotores de divisão?

É preciso cuidado, pois as divisões situam-se freqüentemente em nós mesmos. Não somente entre os teólogos, as igrejas e as religiões, mas também em nossos corações. Por vezes, corremos o risco, mesmo em nome da fé, de sermos, nós também, promotores de divisão, com nossa insensibilidade e incompreensão. Ora, muito pelo contrário, somos chamados a viver em nossa época com confiança, certos de que Deus não nos abandona. Desde sempre, Deus escolheu o rosto do “outro” – seja qual for a sua situação religiosa – para tornar-se presente na história humana, ainda que de forma inédita e misteriosa. Na pessoa de Jesus, nosso Deus nos chama e nos incita a sermos, a cada dia, testemunhas de reconciliação, para reduzir as grandes fraturas do mundo, da vida quotidiana, dos nossos ambientes: as fraturas que separam os homens das mulheres, as etnias entre si, os grupos dos outros grupos, as que me separam dos outros, a minha família das outras famílias, os cristãos dos outros cristãos, os cristãos dos judeus, os cristãos dos muçulmanos. Encontramos constantemente em nosso caminho essas fraturas: em nossa casa e em nosso ambiente de trabalho; somos chamados a reduzi-las pelo amor, que não aguça as dife-

renças, mas sabe aceitá-las e valorizá-las. A paz não é nada mais do que “a convivialidade nas diferenças”. Numa época “pluralista”, em meio a homens diferentes e fés religiosas diferentes, devemos, como cristãos, fazer esforços de escuta autêntica, de acolhida benevolente, de auxílio prestado gratuitamente e com desapego. Nisso seremos reconhecidos, como os cristãos dos primeiros séculos, e esta será a nossa maneira de anunciar Jesus Cristo.



Para refletir sobre as palavras dos homens

Enzo Bianchi, fundador da comunidade monástica de Bose:

Não obstante as aparências, no povo de Deus, os cristãos percebem cada vez mais profundamente como uma “característica” cristã e vivem como um objetivo o encontro com outro cristão, considerado não mais como um herético ou um cismático, mas como um irmão que caminha ao nosso lado rumo à unidade, desejada pelo Senhor, e não procurada em virtude de conveniências estratégicas orquestradas pelas Igrejas. Matta el Meskin, o grande monge copta contemporâneo, lembra-nos que quanto mais fiéis ao Evangelho forem os cristãos, mais facilmente se encontrarão e alcançarão a unidade e a comunhão: e eles o conseguirão, justamente, na união com o seu Senhor, guiados pelo Espírito na prática diária do Evangelho.

Irmão Roger, da Comunidade Ecumênica de Taizé:¹

Nesse começo do século XXI, estamos diante de uma urgência: tornar a reconciliação efetiva. No longo caminho da vocação ecumênica, o diálogo e a pesquisa teológica são indispensáveis. Se, porém, após

1. Conversa do Irmão Roger com o diretor da revista “Evangelizzare” de Bolonha.

tantos anos de pesquisa, não se consegue atingir o objetivo, surge o cansaço e a credibilidade se perde. Onde reencontrar o ímpeto da vocação ecumênica? Vem-me então à mente a luz projetada pelo Papa João Paulo II em sua primeira encíclica, "Redemptor Hominis". Nela o Papa esclarece uma realidade evangélica essencial, que permite compreender a catolicidade trazida por Cristo. João Paulo II escreve: "Cristo de alguma maneira uniu-se ele mesmo com cada um dos homens". O homem não está unido a Cristo sem a sua resposta pessoal, mas Cristo, pelo contrário, está misteriosamente unido a toda criatura humana. Mediante esta reflexão, o Papa abre um caminho para a reconciliação. Cristo é comunhão. Não veio criar uma nova religião, mas permitir que se realize uma comunhão em Sua pessoa, a comunhão única que é a Igreja. E penso também nas palavras tão evangélicas pronunciadas pelo Papa João XXIII em janeiro de 1959. Falando do Concílio prestes a começar, disse o Papa: "Não faremos processo histórico algum. Não procuraremos saber quem errou ou quem teve razão. Diremos somente: reconciliemo-nos!" Para a vocação ecumênica, seja qual for a nossa fragilidade, uma das exigências mais imediatas é trazer a reconciliação onde existem fraturas, antigas ou bem recentes. Algumas referências históricas, a recordação de acontecimentos graves do passado, podem bastar para provocar oposições, por vezes ódio. A memória das humilhações e das feridas pode ser transmitida de uma geração a outra. E nunca o diremos o suficiente: sem perdão, a pessoa humana não tem futuro.

Carta ecumênica, n° 3 (2001):

Irmos rumo aos outros.

No espírito do Evangelho, devemos rever juntos a história das Igrejas cristãs, marcada por numerosas

experiências positivas, mas também por divisões, hostilidades e mesmo conflitos armados. Erros humanos, a falta de amor e o freqüente mau uso da fé e das Igrejas a serviço de interesses políticos deterioraram seriamente a credibilidade do testemunho cristão. O ecumenismo começa, então, para cristãos e cristãs, pela renovação dos corações e a disponibilidade à penitência e à conversão. O movimento ecumênico já fez progredir a reconciliação. É importante reconhecer os dons espirituais das diferentes tradições cristãs, aprender de uns e outros, e assim receber os dons uns dos outros. Para o desenvolvimento futuro do ecumenismo é particularmente necessário levar em conta as experiências e os anseios dos jovens e encorajar a sua participação de acordo com os meios de que dispõem.

Dietrich Bonhoeffer:²

Uma experiência de excepcional valor é ter finalmente aprendido a olhar a partir de baixo os grandes acontecimentos da história universal, do ponto de vista dos excluídos, dos maltratados, dos fracos, dos oprimidos e das vítimas do escárnio, em uma palavra, dos que sofrem. É uma sorte para cada um de nós se, nestes tempos em que vivemos, a amargura e o rancor não corromperam nosso coração; se, portanto, olharmos com olhar novo as grandes e pequenas coisas, a felicidade e a infelicidade, a força e a fraqueza; se nossa capacidade de perceber a grandeza, a humanidade, o direito e a misericórdia tornar-se mais livre, mais incorruptível; se, ainda, o sofrimento pessoal tornar-se uma boa chave, um princípio fecundo para compreender o mundo na contemplação e na ação: tudo isso será uma sorte para nós. Tudo reside em nossas respostas às necessidades da vida em to-

2. D. Bonhoeffer, *Resistenza e resa*, Queriniana, Brescia, 2002, p.74.

das as suas dimensões; e em nossa aceitação da vida para uma satisfação mais elevada cujos fundamentos não estão de fato nem embaixo, nem em cima.



Para refletir sobre a Palavra de Deus

Evangelho segundo São João (17, 6-11)

Antes de passar deste mundo ao Pai, Jesus orava assim :
“Eram teus, e mos deste, e eles guardaram a tua palavra. Agora reconheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste eu lhas dei, e eles as acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de ti e creram que me enviaste. Por eles eu rogo; não rogo pelo mundo, mas pelos que me deste, porque são teus e tudo o que é meu é teu, e neles sou glorificado. Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo e eu volto a ti. Pai santo, guarda-os em teu Nome – este Nome que me deste! – para que sejam um como nós. ”

Primeira carta de São João (4, 15-16)

“Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele acreditamos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele.”

Da Carta aos Hebreus (13, 1-2)

“Permaneeci no amor fraterno. Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos.”



Perguntas para mim e para nós: o dever de sentar-se

O contato com a diferença é uma experiência diária que nem sempre é refletida e reconstruída. Tentemos nos perguntar:

- *As diferenças de fé religiosa permanecem um problema grave*

para o mundo cristão. Cristãos, judeus e muçulmanos, católicos e ortodoxos: qual caminho falta percorrer para um verdadeiro diálogo religioso e um autêntico esforço ecumênico. Na minha opinião, estamos na boa direção?

- Onde vivemos, encontramos freqüentemente pessoas que não crêem ou que praticamente não crêem. Qual a minha atitude em relação a elas? Presunção e superioridade, ou respeito e diálogo?
- Sendo cristãos, consideramos evidentes as nossas boas disposições em relação aos outros. A realidade à nossa volta é freqüentemente outra. Tenho tido a experiência de contatos diretos com a diferença, por exemplo, com uma pessoa de outra cultura? Como me comportei então?
- É no casal que se produz um rude e profundo confronto com o outro, com uma pessoa diferente de nós. Que meios úteis e que recursos podemos aplicar, a partir de nossa vida conjugal, no encontro com o diferente?



Partilhar, procurar, compreender juntos em equipe

- Quantas vezes percebemos que para as perguntas que tocam o nosso coração encontramos respostas que não somos capazes de verdadeiramente assumir?
- O que impede o nosso espírito e o nosso coração de acolher a Verdade e de tomar realmente o caminho da conversão pelo qual aspiramos?
- Que obstáculos, em nós mesmos e em torno de nós, tornam mais difícil o nosso caminho?

Bibliografia

Piero Stefani, *Sui confini. Tracce di dialogo tra religioni e culture*. Edizioni Paoline.

Carmine Di Sante, *Lo straniero nella Bibbia*. Città Aperta Edizioni

Enzo Bianchi, *Da forestiero. Nella compagnia degli uomini*, Piemme

Pietro Barcellona, *L'individuo e la comunità*, Edizioni Lavoro

Quarta Reunião

A VOCAÇÃO PESSOAL: “MEU NOME ESTÁ NOS CÉUS”

O Senhor nos pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Não podemos responder de forma consciente e engajada se não seguirmos o caminho que nos leva à maturidade pessoal, se não nos perguntarmos: “Quem sou eu? O que procuro? O que quero?” Para construir a nossa personalidade, é preciso uma vida toda, pois é somente ao seu término que teremos plenamente realizado o projeto de Deus para cada um de nós. Só então poderemos reconhecer o nosso nome inscrito nos céus desde o primeiro dia da Criação.

Construir a nossa identidade

Quem sou eu? Será que me conheço verdadeiramente, no meu âmago mais fundo? Essa é a pergunta que nos fazemos pelos caminhos de nossa vida, particularmente nas horas em que os acontecimentos e as circunstâncias põem as nossas reações, o nosso comportamento e a nossa própria identidade à dura prova, quando os nossos projetos e anelos encontram obstáculos ou malogros.

Trata-se de velha pergunta que sempre reaparece no caminho de todos os homens. Num templo da Grécia antiga estava escrito: “Conhece-te a ti mesmo”, apelo oficial para prosseguir na via mais difícil, a de compreender a própria identidade, o próprio nome.

O tempo que passa renova esta pergunta por ocasião das nossas experiências mais determinantes, porque o que somos nunca foi fixado de modo definitivo. Os acontecimentos, os encontros significativos, as alegrias e os sofrimentos contribuem para construir a nossa identidade ao longo do tempo.

Com efeito, ao nascermos, não passamos de uma promessa a realizar, de uma realidade que é um vir-a-ser. Na primeira infância, recebemos os dons do acolhimento e do afeto dos que estão perto de nós, a começar pelos nossos pais: as carícias, o calor, a alimentação, a resposta solícita às nossas necessidades primárias são fundamentais para estabelecer as primeiras bases de nossa identidade.

Esse processo não pára com o fim da primeira infância, mas continua durante a adolescência, a juventude e a vida toda, até o seu fim: precisamos sempre de amor para encontrar o nosso equilíbrio.

Com efeito, em todos os momentos de nossa vida, a nossa maturidade e, portanto, a nossa identidade, provém, de alguma forma, do apoio, do amor, das experiências de encontros positivos, do dom que os outros representam para nós.

Portanto, a pergunta “quem sou eu?” nunca recebe uma resposta definitiva, porque somos seres de relação, que amadurecem a cada dia.

Cabe-nos somente acolher o dom do amor e da vida que constantemente recebemos dos outros, por meio de experiências significativas e encontros que contribuem, aos poucos, para desenhar os traços de nossa identidade.

O Senhor da história nos ampara e constantemente nos dá vida pelo amor e pelo dom representado pelos que nos amam. Deus está sempre presente em nossa vida pela atenção e pelo bem que nos transmite por intermédio das pessoas que nos acolhem, nos perdoam, nos amparam, nos escutam. “Deus, ninguém o viu”: é somente pelos homens e pelas mulheres capazes de nos transmitir o bem que Ele inspira, que Deus se nos torna presente e constrói a nossa vida e a nossa identidade ao longo dos anos.

Receber o seu nome

A maior das tentações consiste em não querer receber: é o individualismo, que pretende determinar, em plena autonomia,

o seu destino, declarando orgulhosamente que não precisa de ninguém para viver. Essa tentação é forte e nos leva frequentemente a emitir juízos a nosso próprio respeito, que consideramos definitivos, e que excluem os outros de nosso horizonte. “É assim que eu sou, não mudarei as minhas convicções nem minhas atitudes”. É a recusa da novidade trazida pelos encontros; fechamo-nos diante do que poderiam modificar em nós as palavras e os gestos de amor que chegam até nós; aí estaria o maior dano à nossa personalidade. A recusa de me deixar servir pelo outro, do serviço prestado por alguém que me ama, do que poderia me mudar e me levar a novos caminhos. Isso nos lembra as palavras de Pedro a Jesus no episódio do lava-pés: “Jamais me lavarás os pés!”, e a resposta de Jesus: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo” (cf Jo 1, 8).

Seremos felizes quando nos sentirmos profundamente gratos pelos dons que Deus nos fez por intermédio daqueles que nos amam e quando soubermos que não estamos na origem do que temos de bom, porque tudo nos foi dado: as nossas qualidades, a ternura que se exprime em nós, o nível de gratuidade que pomos em nossas ações, tudo isso são graças que Deus deixa penetrar em nós, por meio daqueles que, pelo amor que têm por nós, nos ensinaram a amar.

Não podemos, porém, considerar como nosso tesouro e nossa propriedade os dons recebidos; somos chamados a nos tornar, nós mesmos, dons para os outros, como os outros foram e são para nós.

Para nós, tudo é dom

A criação de nossa personalidade não terminou com o nosso nascimento; nessa hora, ela apenas começou a caminhar rumo à promessa de uma maturação plena e autêntica. A meta é conseguir um dia, no final de nossa vida, definir a nossa identidade. Nesse itinerário de crescimento para a plena realização do nosso destino, Deus continua, ao longo de nossa história, a

tornar-se para nós dom pelos acontecimentos. Para nós, Ele se faz carícia pelas mãos daqueles que nos amam, nos abraçam, nos amparam, nos escutam, nos convidam, pela voz e pelos gestos dos que estão próximos de nós, a ter constantemente confiança na vida.

Se recebermos e oferecermos os dons do amor e da vida na estrada da nossa maturidade, vivendo o amor e afastando de nossa perspectiva tudo aquilo que não é útil e bloqueia o caminho do encontro com Deus, receberemos, por fim, a identidade à qual fomos chamados desde o início.

O nome de “filho de Deus” é a identidade à qual todo homem é chamado. Essa identidade será a nossa intimidade com Deus, uma relação de amor exclusiva e única para cada um.

“Ao vencedor eu darei [...] uma pedrinha branca, uma pedrinha na qual está escrito *um nome novo*, que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe” (Ap 2, 17).

O caminho da maturidade humana à procura de identidade pode então ser uma aventura entusiasmante, na qual nos é pedido principalmente que nos deixemos amar, que acolhamos o dom dos outros que transmite o dom de Deus, ou melhor, que transmite Deus como dom. Seremos o templo do Deus vivo se tentarmos nos entregar, comunicar os nossos sentimentos, nossas angústias e nossas alegrias àqueles que nos são próximos, se nos esforçarmos em ser para os outros, por nossa vez, seremos consoladores, artífices de paz, de justiça e de misericórdia. “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14, 23).



Para refletir sobre as palavras dos homens

Etty Hillesum, jovem judia holandesa morta em Auschwitz em novembro de 1943; num trecho de suas cartas, sugere que podemos nos tornar luminosos se levarmos à toda parte nossa luz³:

Sim, é grande a aflição, e contudo, muitas vezes, à

noite, quando o dia que passou afundou atrás de mim nas profundezas, caminho com passo macio ao longo da cerca de arame farpado, e sinto sempre subir em meu coração – e não posso evitar, é assim, isso vem de uma força elementar – a mesma encantação: a vida é uma coisa maravilhosa e grande; depois da guerra teremos que construir um mundo completamente novo e, a cada nova exação, a cada nova crueldade, deveremos opor um pequeno suplemento de amor e de bondade a conquistar em nós mesmos. Temos o direito de sofrer, mas não de sucumbir ao sofrimento e se sobrevivermos a esta época indenes de corpo e alma, de alma, principalmente, sem amargura, sem ódio, teremos também algo a dizer após a guerra. [...] A principal artéria de minha vida estende-se já para longe à minha frente e atinge um outro mundo. Parece que todos os acontecimentos presentes e futuros já deixaram a sua marca de alguma forma em mim, que já os assimilei, já os vivi e que já estou trabalhando na construção de uma sociedade que sucederá a esta. A vida que levo aqui não fere em nada o meu capital de energia – o físico, é verdade, se deteriora um pouco, e cai-se, por vezes, em abismos de tristeza – mas, no âmago do nosso ser, ficamos cada vez mais fortes. Gostaria que o mesmo se desse com você, e com todos os meus amigos; é preciso, temos ainda tanto a viver e a realizar juntos. Por isso, exorto-os: mantenham firmemente as suas posições interiores assim que as tiverem conquistado e, principalmente, não fiquem tristes ou desesperados ao pensarem em mim, não há motivo algum para isso.

-
3. Carta a Johanna e Klaas Smelik e outros, Westerbork, 3 juillet 1943, in Ety HILLESUM, *Une vie bouleversée, suivi de Lettres de Westerbork*, trad. Philippe Noble, Ed. du Seuil, 1988/1995, p. 287-288.

Davide Maria Turollo, teólogo, poeta e sacerdote, dos Servitas de Maria:

Sozinhos, somos cada vez mais desesperados e perdidos, e Tu, sem nós, és um pobre Deus solitário e inútil: e por isso cada vez mais parecido conosco, com o menor dentre nós, um Deus humilde, fraco, perdido, apaixonado e compassivo, vindo viver toda a nossa fraqueza. Cada vez menos o Deus de todo-poder, cada vez mais o Deus da misericórdia e do perdão. Aí reside o verdadeiro todo-poder: conseguir nos perdoar, continuar a nos perdoar e a purificar todas as coisas, refazer uma Criação que seja digna de Ti, e que seja também a real moradia dessa criatura da qual estás desde sempre, Senhor, loucamente apaixonado.

Arturo Paoli, sacerdote, dos Irmãozinhos de Charles de Foucauld, presente na América Latina desde 1959, onde partilha a vida dos pobres e humildes. O breve comentário a seguir nos chama a construirmos nós mesmos a caminhada rumo à nossa identidade a partir do encontro com os mais humildes da história:

O mais claro exemplo é, sem dúvida, a parábola do Bom Samaritano, narrada no capítulo 10 de São Lucas. O samaritano é um comerciante; é o motivo de sua viagem, ele pretende vender, ganhar bastante, realizar coisas bem precisas com os seus lucros. O seu mundo afetivo, econômico, político e relacional gira em torno desse centro vital. O ferido à beira da estrada o despoja, destrói essa maneira de ser. Enquanto o sacerdote e o levita continuam a ser o que são e a olhar o acidente do seu ponto de vista, resolvendo que não convém cuidar do ferido, o samaritano não raciocina, fica petrificado por uma visão, um encontro imprevisto; e isso faz com que decida como será a continuação de sua viagem: o que fará, como empregará o seu dinheiro, aonde irá com o ferido? O homem marcado pela morte decide a sua vida, desapeia

o comerciante e o transforma em próximo, isto é, em responsável

...

É aí que surge o paradoxo: a liberação da angústia que está em todo homem somente se realiza se assumirmos o “pecado do mundo”, a responsabilidade pelos outros, e é isso que Jesus nos propõe. Porque angústia se transforma em amor...



Para refletir sobre a Palavra de Deus

Mt 6, 25-34

Quando subiu no monte, Jesus disse: “Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas? Quem, dentre vós, com as suas preocupações, pode prolongar, por pouco que seja, a duração de sua vida? E com a roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em todo o seu esplendor, se vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, homens fracos na fé? Por isso, não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir? De fato, são os gentios que estão à procura de tudo isso: o vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas. Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal.”

Do Sl 139 (138), 1-18.23-24

Senhor, tu me sondas e conheces!

conheces o meu sentar e o meu levantar,
de longe penetras o meu pensamento;
examinas o meu andar e o meu deitar,
os meus caminhos todos são familiares a ti.

A palavra ainda não me chegou à língua,
e tu, Senhor, já a conheces inteira.

Tu me envolves por trás e pela frente,
e sobre mim colocas a tua mão.

É um saber maravilhoso, e me ultrapassa,
é alto demais: não posso atingi-lo!

Para onde ir, longe do teu sopro?

Para onde fugir, longe da tua presença?

Se subo aos céus, tu lá estás;

se me deito no Xeol, aí te encontro.

Se tomo as asas da alvorada

Para habitar nos limites do mar,

mesmo lá é tua mão que me conduz,

e tua mão direita que me sustenta.

Se eu dissesse: “Ao menos a treva me cubra,

e a noite seja um cinto ao meu redor”

mesmo a treva não é treva para ti,

tanto a noite como o dia iluminam.

Sim! Pois tu formastes os meus rins,

tu me teceste no seio materno.

Eu te celebro por tanto prodígio,

e me maravilho com as tuas maravilhas!

Conhecias até o fundo do meu ser:

meus ossos não te foram escondidos

quando eu era feito, em segredo,

tecido na terra mais profunda.

Teus olhos viam o meu embrião.
No teu livro estão todos inscritos
os dias que foram fixados
e cada um deles nele figura.

Mas, a mim, que difíceis são teus projetos,
Deus meu, como sua soma é grande!
Se os conto... são mais numerosos que areia!
E, se termino, ainda estou contigo!

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração!
Prova-me, e conhece minhas preocupações!
Vê se não ando por um caminho fatal
e conduze-me pelo caminho eterno.



Perguntas para mim e para nós: o dever de sentar-se

Reflitamos sobre a nossa caminhada pessoal, a fim de apontar, em primeiro lugar, os dons que recebemos daqueles que em nossa vida foram presença cheia de sentido, e perguntemonos quais as mudanças mais importantes pelas quais lhes somos reconhecidos:

- *Rememoro as pessoas, os encontros significativos que contaram em minha vida. O que me trouxeram? Que riquezas me deixaram? O que mudaram em mim?*
- *Do que me sinto agradecido?*
- *Quais são hoje os dons e as realidades positivas que descubro em mim mesmo?*
- *Estarei eu consciente de que os dons que recebi dos outros estão agora disponíveis em mim?*
- *Olhando a foto de um dos nossos primeiros encontros como casal, o que mudou na maneira de nos acolhermos um ao outro?*



Partilhar, procurar, compreender juntos em equipe

- *Considerando a nossa caminhada interior, quais os hábitos, os comportamentos, os temores que ainda estão presentes em nossa vida?*
- *O que achamos que deveria mudar em nós para crescermos em nossa caminhada de filhos de Deus?*
- *Que apoio recebo de ti para crescer na minha caminhada espiritual? E que ajuda posso te oferecer?*

Bibliografia

Etty Hillesum, *Une vie bouleversée, suivie de Lettres de Westerbork*, trad. Philippe Noble, Ed. du Seuil, 1988/1995.

D.M. Turoldo, *Il dramma è Dio – Il divino, la fede, la poesia*, Rizzoli, Milão 1992.

A. Paoli, *Il sacerdote e la donna*, Marsilio editori, Veneza 2000.

Quinta Reunião

O APELO À FORMAÇÃO DE UM CASAL: CONSCIÊNCIA DA VOCAÇÃO CONJUGAL

Toda criança que nasce, ao vir ao mundo, é chamada a tornar-se um homem ou uma mulher que deverá realizar o seu projeto, a sua vocação, durante toda a sua vida.

O apelo e a resposta ao “sim” sacramental do matrimônio é também uma vocação a ser realizada passo a passo, a cada dia, a cada hora.

O amor é uma força poderosa que nos impele a criar e construir relações; o amor conjugal é a relação por excelência, fundada sobre a reciprocidade ele é chamado a estabelecer uma aliança permanente.

O apelo a ser uma pessoa

Ninguém é por si só a razão de ser de sua existência: a vida resulta de um apelo a ser. Não fomos nós que escolhemos ser concebidos como seres únicos e insubstituíveis; não pedimos para nascer mas, após nove meses num estado de bem-estar completo, quando tudo nos era oferecido sem que tivéssemos que o pedir, nascemos de um estado de fusão completa com a nossa mãe, ligados por um cordão umbilical que nos trazia alimentação e respiração, porém deixava ainda em suspenso a nossa identidade, no aguardo de nosso devir.

Aquele que – pelos mais diversos motivos – viveu, na hora de sua vinda ao mundo, uma relação pobre e insuficiente, principalmente com a sua mãe, mas também com o casal constituído por seus pais e os demais adultos em torno dele, sente-se com uma identidade tão incerta que lhe é quase necessário pedir a toda hora “licença para viver”, numa relação existencial que não lhe permite ter uma vida livre e autônoma. Nesse caso,

o caminho para a construção da identidade e para relações adultas paritárias é, sem dúvida, muito mais difícil.

Pelo contrário, aquele que recebeu o dom gratuito do amor tomou, progressivamente, consciência da identidade que lhe foi dada e a assumiu. Por fim, o jovem – quando conseguiu formar uma *identidade* pessoal equilibrada, aceitar plenamente a *alteridade* e as *diferenças*, e aceitar também que as *relações* são necessárias como fonte de riqueza de vida - não pode deixar de perceber o apelo para o encontro com o outro, encontro feito de reconhecimento mútuo e de apelos recíprocos à plenitude da vida. Trata-se do itinerário de uma vocação procurar um outro, alguém diferente de nós e que nos possa dar o que nos falta, um outro que possa ser para nós uma imagem forte, significativa e eficaz, do *totalmente Outro* que é Deus.

É nessa fase da vida, particularmente crucial, que amadurece o caminho de uma vocação, e na qual se torna mais claro o apelo ao encontro do outro. E se chamamos de *vocação* a escolha da vida consagrada à procura de Deus e ao serviço da comunidade, devemos também conceder a mesma dignidade de *vocação* à procura de um outro, semelhante, mas totalmente diferente, com quem possamos estabelecer uma relação totalmente íntima, que nos engaje por inteiro.

O apelo a formar um casal

O amor é a força poderosa que nos leva a sair de nós mesmos, a buscar a relação, a entrar numa relação. A época em que *nos apaixonamos* é um período de enorme intensidade emotiva e suscita um dinamismo determinante que nos leva a sair de nós mesmos e a afastar a tentação do egoísmo. A descoberta progressiva do outro torna-se assim uma aventura cheia de satisfação, que assinala o início da aspiração e da vocação a ser casal. Esse tempo inicial do amor deve, contudo, dar lugar a uma forma de relação mais calma e construtiva, à edificação de um *projeto de casal*, à definição de uma *aliança* estável e fiel.

A *philia*, a *amizade*, é a primeira forma de relação fora da família, a primeira tentativa para construir um itinerário pessoal, um projeto de vida ligado a alguém que se escolheu. A amizade é a primeira forma da relação de amor, uma maneira de conhecer, de explorar o mistério do outro. Como todas as etapas do amor, na relação de um par equilibrado, ela é destinada a durar a vida inteira, a tornar-se partilha de centros de interesse, *cumplicidade*.

O *eros*, atração física pelo outro, é um fator muito poderoso da relação, com eficácia e força criativa capaz de liberar poderosa energia. De todas as formas de comunicação e de amor, é a única exclusivamente específica do casal, ao ponto de ser uma de suas dimensões constitutivas. O fundamento ético do *eros* é a sua natureza de força relacional: o *eros* é intrinsecamente bom e fecundo se for um *fator de relação conjugal*, tendendo para a *comunhão*; torna-se imoral se for alheio ou mesmo contrário a ela, inclusive na própria vida conjugal.

Se podemos aprender a escolher, a praticar o discernimento, a não nos deixar levar pela facilidade, a formar o nosso espírito a edificar planos, devemos também fundamentar a relação do casal num projeto a dois, um projeto a ser expresso a partir dos nossos carismas, um *projeto global de fecundidade* aberto à geração de filhos, à acolhida também de filhos que não nascerem de nós, à presença generosa na sociedade e na comunidade eclesial; um projeto de casal que devemos renovar diariamente, atento aos sinais do tempo, aos desafios que nos faz a atualidade da história, um projeto que procuraremos inscrever no misterioso *Projeto do Pai*.

Os fundamentos da relação conjugal

A relação conjugal apóia-se na *reciprocidade*. A nossa necessidade de relação fundamenta-se precisamente na nossa necessidade de receber uma resposta, de sermos estimulados, de deixar-nos penetrar pelo amor. Uma relação de casal constrói-se, portanto, a partir de um projeto a dois. A experiência dos limites,

contudo, nos aguarda. Somos marcados pelo sofrimento, quando do insucesso do projeto estabelecido – pois todo projeto humano está sempre aquém das exigências da vida (cf. Is 55, 8-9) - e pelo fracasso, a partir do qual a vida pode e deve renascer, da mesma forma que a Igreja nasceu quando tudo parecia perdido, ao pé da Cruz. Assim, o amor pelo parceiro, ao mesmo tempo que se edifica e se vive na reciprocidade, deve assumir aspectos de *oblatividade*, de *ágape*, de *aliança eterna* (cf Ef 5, 25-32).

Viver a vida de casal na consciência de um apelo à relação e, por conseguinte, à vida, como uma *vocação* à procura de Deus que nos fala por intermédio do outro, tal é a condição primeira para que o casamento seja um sacramento, isto é, um sinal eficaz, cheio de sentido, da existência de um Amor fonte e origem de todo amor humano.



Para refletir sobre as palavras dos homens

Erri De Luca, judeu leigo, apresentou uma metáfora da vida a dois pela descrição da escalada de uma montanha, usando o jargão dos alpinistas:

Somos dois: ao longo de uma parede rochosa, dois é muito mais do que o dobro de um. Ataco as vértebras inferiores do “dorso de mula”, extenuo-me a agarrar pedras viscosas, ponho a corda em tudo o que aparece, até num pedaço de pau que lá está há cinqüenta anos. Supero a dificuldade, ela me segue, progride em agilidade. Ultrapassada a passagem dos cimos, ela se mostra mais firme, me alcança. Estamos numa chaminé partida que não acaba mais, hirta e estreita. Subo, fazendo um restabelecimento e evitando bater em sua cabeça; o nosso duo separa-se novamente para desenroscar a corda emaranhada entre nós: somos um só e mesmo animal que se esgueira, se afasta, se enrola num ponto de ancoragem e logo rumo para o alto. No alto da chaminé, ela erra um

passo, seu pé escorrega, ela se agarra com força e exclama “segura firme”; estou segurando firme, mas nem era preciso, pois dessa vez nem sequer ficou suspensa na corda e conseguiu recuperar-se por si mesma. Vamos em frente, rumo ao alto, onde a parede se inclina e o caminho para a subida torna-se menos evidente... Olhamos um para o outro, o suor escorrendo pelo rosto. Estamos fora do maior perigo, ainda que não vejamos o cume. Somos dois, o contrário de um e de sua solidão orgulhosa.

Adria e Piero Gallo, casal equipista, abordam o tema da vocação à vida de casal e a obrigação para o casal de suscitar novas vocações:

O Movimento das Equipes de Nossa Senhora ajudou-nos a nos tornar, como casal, o próprio lugar da maturação da nossa vocação, ao ajudar-nos, essencialmente, a nos tornarmos casal. Não se nasce casal, torna-se casal. Tornar-se casal é o fruto de um itinerário de formação permanente que nunca podemos considerar terminado. Aquilo que chamamos de perigos do casal ameaçam-nos sempre: o casal fusional onde um tende a apagar a personalidade do outro, o casal explorador, em que um se propõe aproveitar as vantagens provindas da ajuda do outro, o casal aproveitador, em que um cônjuge utiliza o outro para satisfazer os seus próprios anseios, o casal fechado, que procura construir uma família agarrada aos seus interesses e surda às necessidades da comunidade eclesial, do mundo e da história. O testemunho desse tipo de casal não pode inspirar uma caminhada na vocação. Os movimentos de espiritualidade conjugal, pelo contrário (para nós são as ENS), ajudam os cônjuges a assumir o caminho de uma vocação de casal.

O casal inicia o caminho de uma vocação de casal quando cada um dos cônjuges assume a vocação do

outro, respeitando e depois valorizando a diferença do outro, favorecendo o seu desenvolvimento sem contrariá-lo, e estimulando a sua plena realização. É assim que o casal vive em si mesmo a experiência inicial do caminhar de sua vocação e, ao vivê-la, é sua testemunha diante dos filhos...

O casal, sinal sacramental da Aliança entre Deus e o seu povo, núcleo original da família, pequena igreja doméstica, onde brilha a comunhão que o casal vive em seu seio, favorece em seus filhos o caminhar da própria vocação, inclusive à vida consagrada. Ele é testemunha da vida de uma comunidade, pequena igreja, onde reina a escuta, o amor oblato, onde é praticada a atenção para com os membros mais fracos e mais desprovidos, onde se desenvolve o espírito de serviço para o mundo e a comunidade dos que crêem. Nele se assumem ministérios precisos para criar uma comunidade de batizados que se torna uma comunidade sacerdotal, sinal de esperança e de salvação para o mundo inteiro.



Para refletir sobre a Palavra de Deus

I Samuel 3, 1-10

O jovem Samuel servia, pois, ao Senhor na presença de Eli; naquele tempo, raramente o Senhor falava, e as visões não eram freqüentes. Ora, um dia, Eli já estava deitado no seu quarto – os seus olhos começaram a enfraquecer e não podia mais ver -, a lâmpada de Deus não se tinha ainda extinto, e Samuel estava deitado no santuário do Senhor, no lugar onde se encontrava a arca de Deus. **O Senhor chamou: “Samuel! Samuel!”** Ele respondeu: “Eis-me aqui!”, e correu para onde estava Eli, e disse: “Eis-me aqui, porque me chamaste”. – “Não te chamei”, disse Eli; “volta a deitar-te”. Ele foi deitar-se. O Senhor chamou

novamente: “Samuel! Samuel!”. Levantou-se e foi ter com Eli, dizendo: “Tu me chamaste: aqui estou”. – “Eu não te chamei, filho meu”, disse Eli; “vai deitar-te”. Samuel não conhecia ainda ao Senhor, e a palavra do Senhor não lhe tinha sido ainda revelada. O Senhor voltou a chamar Samuel pela terceira vez. Ele se levantou, aproximou-se de Eli e disse: “Aqui estou, porque me chamaste”. Então Eli compreendeu que era o Senhor que chamava o menino e disse a Samuel: “Vai deitar-te e, **se te chamar de novo**, dirás: “Fala, Senhor, que o teu servo ouve”, e Samuel foi se deitar no seu lugar.

Veio o Senhor e ficou ali presente. Chamou, como das outras vezes: “Samuel! Samuel!”, e **Samuel respondeu: “Fala, que teu servo ouve”**.

Cântico dos Cânticos 2, 8-9a.10-14; 8, 6-7

A voz do meu amado!
Vejam: vem correndo pelos montes,
saltitando nas colinas!
Como um gamo é meu amado...
um filhote de gazela.

Fala o meu amado, e me diz:
“Levanta, minha amada,
formosa minha, vem a mim!
Vê, o inverno já passou!
Olha a chuva, já se foi!
As flores florescem na terra,
o tempo da poda vem vindo,
e o canto da rola
está-se ouvindo em nosso campo.
Despontam figos na figueira
e a vinha florida exala perfume.
Levanta, minha amada,
formosa minha, vem a mim!
Pomba minha, que se aninha nos vãos do rochedo,
pelas fendas dos barrancos...

Deixa-me ver tua face,
deixa-me ouvir tua voz,
pois tua face é tão formosa
e tão doce a tua voz!”

Grava-me
como um selo em teu coração,
como um selo em teu braço;
pois o amor é forte, é como a morte!
Cruel como o abismo é a paixão;
suas chamas são chamas de fogo
uma faísca do Senhor!
As águas da torrente jamais poderão
apagar o amor,
nem os rios afogá-lo.
Quisesse alguém dar tudo o que tem
para comprar o amor...
Seria tratado com desprezo.



Perguntas para mim e para nós: o dever de sentar-se

- *Estou consciente de que as raízes da minha identidade estão nas relações vividas na minha infância? Recebi um amor gratuito? Quem me deu a “licença de viver”? Quais as sombras e luzes da minha identidade que percebo como frutos da minha vida em minha família de origem?*
- *Recebi, ao procurar o meu parceiro, um apelo à alteridade, um caminhar para a vocação? Quando nos casamos, estávamos conscientes de responder a um apelo?*
- *Na contínua caminhada rumo à construção de nossa vocação de casal, que riscos correremos? Conseguimos ser para o outro a imagem do todo Outro? Conseguimos mostrar ao outro o rosto de Deus?*
- *A relação conjugal alimenta-se de reciprocidade, mas tende à gratuidade, à oblatividade. Essa caminhada rumo à espiritua-*

lidade conjugal implica em ultrapassarmos os nossos projetos individuais e entregarmo-nos com confiança ao amor de Deus. Na nossa experiência pessoal e de casal, que papel exerceram a reciprocidade e a oblatividade?



Partilhar, procurar, compreender juntos em equipe

- *De que modo as partilhas fraternas em equipe nos ajudaram a tomar consciência de nossa vocação conjugal?*
- *A vida em equipe modificou ou enriqueceu a nossa relação conjugal?*
 - *No meio social e eclesial em que vivemos, o que se faz e o que se deveria fazer para favorecer o caminhar da formação à vocação ao matrimônio, para que os noivos consigam fazer o projeto de sua relação de casal no sentido da aliança conjugal no Senhor e se comprometam a desenvolver harmoniosamente uma relação de philia, de eros e de agape?*

Bibliografia

- E. De Luca, *Il contrario di uno*, p. 99-100. Feltrinelli, Milão, 2003.
- A e P. Gallo, *Famiglia oggi: quale spazio per la maturazione vocazionale*, in *Coletivo – Famiglia oggi e vocazione*, p. 110-113. Rogate, Roma, 1990.

Sexta Reunião

A RESPOSTA PESSOAL E A RESPOSTA DO CASAL

O matrimônio é um sacramento permanente, que se alimenta do amor dos esposos e da presença neles de Deus. O “sim” dos cônjuges não se esgota em um único dia, mas deve atualizar-se ao longo de toda a vida conjugal. Precisamos, pois, tomar consciência cada vez mais de que é necessário uma formação contínua para conseguirmos ser plenamente um casal, para nos tornarmos fecundos além da paternidade biológica, para que sejamos, como casal, ministros e testemunhas do amor de Deus no meio social e eclesial em que vivemos.

O matrimônio, um sacramento permanente

Se o desejo de uma vida a dois, de uma relação exclusiva e fiel, é a resposta ao amor do casal, a opção pelo matrimônio sacramental é a resposta a uma vocação específica: sentir-se a parte beneficiária de uma Aliança eterna, ter plena confiança num Amor e numa Misericórdia que nos são sempre oferecidos. O matrimônio é então um sacramento, um sinal, em sua relação verdadeira com a aliança sempre renovada entre Deus e seu povo.

Demasiadas vezes, contudo, principalmente nos últimos anos, confundiu-se o próprio *sacramento* – um processo permanente, que dura a vida toda dos cônjuges, e freqüentemente guarda a sua eficácia na memória após a morte de um deles – com a sua *celebração*, que é o compromisso solene do casal e da comunidade, mas não esgota a eficácia do sinal constituído pela comunhão oblativa do casal.

Algumas celebrações públicas - tempos fortes também - podem ser importantes na história de um casal: os aniversários de

casamento, o batizado dos filhos, as celebrações litúrgicas nas quais se renovam as promessas do casamento. A liturgia da vida do casal e, portanto, do sacramento do matrimônio é, contudo, uma liturgia mais laica, doméstica e quotidiana do que religiosa, pública e festiva. Quando um casal convida amigos para jantar e reparte com eles a sua refeição, celebra o matrimônio como sacramento da hospitalidade; cônjuges que participam juntos da vida na sociedade e na comunidade eclesial para nelas testemunhar que é possível uma comunhão celebram o sacramento do matrimônio; esposos cansados que velam o sono dos filhos testemunham o seu amor e celebram assim o sacramento do matrimônio; esposos que escutam um ao outro, que se acolhem mutuamente, se desnudam um diante do outro, engajando a sua vida na comunhão e no acordo físico de seus corpos, estão celebrando o sacramento de seu matrimônio. O altar desse sacramento não é abstrato nem metafórico, é a mesa da copa em volta da qual a família se reúne e o leito do quarto em que os esposos celebram o seu amor.

Formação permanente

Se o matrimônio é um sacramento permanente que remete ao Amor de Deus durante a vida toda dos esposos, então o tempo de preparação para o casamento que se propõe aos noivos é totalmente insuficiente; é preciso que os cônjuges sigam um caminho de formação permanente, um itinerário sem dúvida progressivo, embora nunca verdadeiramente terminado. A atualidade pastoral da Igreja, caracterizada pela atenção dada mais à celebração dos sacramentos do que à formação permanente, deixa freqüentemente os cônjuges sem apoio. Movimentos como as Equipes de Nossa Senhora oferecem aos casais uma ajuda preciosa ao acompanhá-los de acordo com uma pedagogia progressiva e exigente, num itinerário de **formação** contínua e orientá-los rumo à via da **perfeição**, graças à sua acolhida numa pequena comunidade.

A fecundidade do casal

É evidente que a formação não é um fim em si mesmo, mas um processo que se abre necessariamente para a fecundidade.

Quando falamos de fecundidade do casal, pensamos em primeiro lugar espontaneamente na *fecundidade biológica*, na procriação dos filhos. Conceber filhos parece ser uma consequência evidente e natural da vida de um casal. Até o começo do século XX, a esperança de vida era tão curta que a vida a dois - a relação conjugal -, acabava por coincidir quase sempre com a procriação e a educação dos filhos, a ponto de suscitar o equívoco de que essa era a única finalidade da relação do casal. O considerável aumento da duração da vida tornou mais evidente o fato que a vida conjugal conhece períodos distintos, todos eles ligados por um processo de *construção permanente de uma relação vital*, uma comunhão que é o fim último de uma vida a dois e irradia e transmite a vida, mediante formas diferentes de fecundidade: não só a procriação de filhos, mas também a *abertura generosa da família à adoção* e ao apadrinhamento; o *amparo* delicado e contínuo dos pais idosos e dependentes; a *fecundidade social e eclesial*, graças à qual o casal “exporta” para a sociedade e à Igreja na qual vive a sua forma de acolher o outro, a sua abertura natural à escuta e ao diálogo, a sua capacidade de criar permutas vivas, o seu hábito de procurar generosamente o bem comum sem levar em conta o próprio interesse. O casal não anula o projeto individual mas pressupõe objetivos e escolhas comuns claramente formulados. Todo casal, a partir da sua história, do contexto particular em que vive e de sua criatividade, saberá elaborar um **projeto de fecundidade** inédito e que lhe seja próprio.

A fecundidade: um dom a transmitir

A consciência de ser um pequeno elemento na Criação nos faz compreender que, em verdade, não somos nós mesmos a origem da vida; só podemos transmiti-la. Não se pede ao casal

que seja fecundo, mas que se torne uma terra fértil. Deus e a sua Palavra é que são fecundos (cf. Is 55, 10-11) mas, pela lei da Encarnação, a Palavra só consegue exprimir a sua fecundidade se cair na terra fértil da história chegada à maturidade na plenitude dos sinais dos tempos (cf. Lc 8, 5-8, 11-15). Dá-se o mesmo para o casal: é o amor de Deus, é o amor que une os esposos que é fecundo, e o casal se torna fértil por sua vez graças à sua capacidade de exprimir com frutos concretos o amor que o penetra e anima. O mundo tem necessidade dramática e urgente de casais fecundos, mas todos nós precisamos sentir-nos compromissados a nos tornar terra fértil para acolher os dons cada vez mais ricos que recebemos da vida; pede-se-nos, de forma cada vez mais exigente, acolher incondicionalmente esses dons, para que a humanidade possa hoje aceitar os mais entusiasmantes desafios, usufruir possibilidades inéditas de relação, de comunhão, de prosperidade e de paz e, ao mesmo tempo, enfrentar os perigos cada vez mais inquietantes que, pela primeira vez, ameaçam a sua própria presença no planeta.

O ministério do casal

Entre o casal e a comunidade eclesial, é preciso que haja uma **relação recíproca**. A comunidade deve manifestar a sua fé no casal, e o casal deve permitir que a comunidade se beneficie de seus dons e que nela se desenvolvam os seus carismas específicos. Os leigos casados podem desempenhar uma missão original de **fecundidade eclesial**. O papel do casal no testemunho da fé e na evangelização ultrapassa o apoio – realmente precioso – que ele pode dar aos que escolhem o *celibato para o Reino*, trazendo-lhes o calor da relação familiar e a possibilidade de permutas abertas: o casal tem uma missão própria de evangelização, na qual empenha os seus próprios carismas, conforme a tradição inaugurada pelos primeiros casais de esposos cristãos (cf. At18, 1-3, 18-21, 24-28).

O casal pode desempenhar a sua missão eclesial ao testemu-

nhar os valores que o caracterizam: o acolhimento, a misericórdia e a valorização das diferenças; uma comunidade eclesial disposta a acolher plenamente os valores trazidos pelo casal poderia chegar a partilhar plenamente as responsabilidades e os ministérios.

A resposta à nossa vocação conjugal então não comporta mais apenas a vida a dois alimentada pelo amor de Deus, mas consiste em tornar esse amor capaz de suscitar e alimentar inumeráveis outras formas de vida que encontram justamente a sua origem no amor conjugal.

Rever a nossa experiência à luz da Palavra de Deus, elaborar uma teologia do casal que parta de nossa própria experiência, viver a nossa conjugalidade como uma vocação especificamente sacramental, responder ao apelo do Pai com um “sim” constante ao amor que abre horizontes sempre novos: esses são elementos da resposta à nossa vocação de casal.



Para refletir sobre as palavras dos homens

Mercedes Gomez-Ferrer, em seu livro “*Uma voz de mulher*” (p. 83-84) recorda os motivos que a levaram a tentar, juntamente com Álvaro, a caminhada das ENS, e a procurar durante muitos anos dar o melhor de si em vários serviços ao Movimento:

Duas coisas procurávamos nas Equipes: em primeiro lugar, aprofundar juntos a nossa vida de fé – não queríamos progredir separadamente; em segundo lugar, sermos felizes como casal.

Foi, na realidade, uma circunstância bem humana que nos levou a dar esse passo. Num domingo, a família toda estava reunida numa casa de campo. Sabíamos que um casal de nossa família pertencia às Equipes de Nossa Senhora. Enquanto aguardávamos a hora do almoço, esse casal afastou-se dos demais para um passeio por entre as laranjeiras em flor. Caminhavam de mãos dadas. Álvaro e eu, então noivos, caminháva-

mos também, a certa distância, atrás deles. De repente, eles pararam e abraçaram-se apaixonadamente. Esse sinal concreto, depois de cinco anos de casamento, maravilhou-me, e recorro ter pensado que, possivelmente, as Equipes tinham algo a ver com essa relação de amor sempre vicejante... As coisas mais importantes da vida são por vezes tão simples como essa.

O que encontramos nas Equipes de Nossa Senhora? As duas coisas que procurávamos: crescer em nosso amor de casal e aprofundar a nossa fé. Encontramos outra coisa também, cuja importância não tínhamos percebido inicialmente: a necessidade do auxílio mútuo no caminho da fé. Um ser humano não pode caminhar solitariamente. Um casal, também não. A evangelização se faz em comunidade porque o Evangelho é um caminho de vida. Numa comunidade, reconhecemos os nossos limites e as nossas riquezas, aprendemos a caminhar com um passo diferente do nosso habitual, a não julgar os outros de forma definitiva, a encontrar um equilíbrio entre progressistas e conservadores, a descobrir o rosto amigo do sacerdote, a ser mais realistas, sem por isso perder a esperança. Em suma, podemos compreender melhor, por tê-lo provado, que a Igreja é uma comunidade de comunidades.

Trecho da “Segunda Inspiração⁴”, reflexão do Movimento das ENS depois do Encontro de Lourdes em 1988:

*3.1 As Equipes de Nossa Senhora são uma escola de **formação** para casais. Não se trata somente de aprofundar os conhecimentos da nossa fé, mas de praticar o discernimento humano e cristão, que aciona*

4. “A Segunda Inspiração” foi a expressão adotada no Brasil para traduzir o original francês “*Le Second Souffle*”.

A palavra “Souffle” significa alento, sopro, folego,... e inspiração. Adotou-se, na época, a palavra “Inspiração” para traduzir “Souffle” por acreditar que ela melhor expressava o sentido contido na expressão original.

tanto a razão quanto o coração, na busca de uma coerência cada vez mais estreita entre a fé e a vida. Esse discernimento se alimenta em diversas fontes: o estudo conjunto do “tema” pelo casal e pela equipe, a leitura dos documentos do Movimento, as sessões de formação, os retiros, o aprofundamento das orientações de formação periodicamente propostas pelo Movimento. Essa formação é uma busca pessoal, conjugal e comunitária, vivida na participação nos sacramentos, muito especialmente na Eucaristia, numa abertura progressiva à oração, na escuta da Palavra de Deus e **na leitura atenta dos sinais dos tempos**.

Essa formação nos interpela, nos ajuda a interpretar o desígnio de Deus para com o nosso lar e nos convida a ajustar a nossa vida conjugal, familiar e profissional aos valores do Evangelho. São ainda objetivos a perseguir: fazer com que se compreenda o **sentido cristão do trabalho do homem e da mulher** no plano de Deus, não dissociar as exigências da moral pessoal das exigências da moral social.

3.2 [...] Os casais praticam esses meios levando em conta três linhas diretoras:

— A gradualidade: o Senhor nos alcança onde nos encontramos. Não se trata de queimar etapas nem de apressar os tempos; trata-se de querer progredir a partir da situação em que cada um se encontra;

— A personalização: o mesmo ritmo não é possível para todos, já que a caminhada é ao mesmo tempo pessoal e própria do casal. Os meios concretos não devem nos desencorajar mas, muito pelo contrário, inspirar-nos e ajudar-nos ao longo de toda a nossa vida;

— O esforço: da mesma forma que não há amor sem um tempo de encontro, nem oração interior sem um momento forte de escuta e de diálogo, também não há conversão pessoal ou do casal sem a decisão de trans-

ferir os nossos desejos de progresso um pouco difusos para ações concretas bem determinadas que mudarão a nossa vida e nos construirão aos poucos. [...] 4.1 [...] Sejamos inventivos e partilhemos em espírito do auxílio mútuo as experiências que querem ir “mais longe”, para que o Movimento possa responder a uma aspiração real sem que os casais sintam a necessidade de continuar a sua procura alhures. O nosso Movimento sempre se preocupou em fornecer elementos de referência e de discernimento para a formação dos casais. Embora permanecendo responsáveis e livres, precisam ser apoiados em sua busca visando compreender a palavra de Deus diante dos sinais dos tempos. Isso exige uma formação permanente e uma pesquisa atualizada para exprimir as realidades da fé numa linguagem acessível.



Para refletir sobre a Palavra de Deus

Atos dos Apóstolos 18, 1-4; 18-21; 24-26

Paulo partiu de Atenas e foi para Corinto. Lá encontrou um judeu chamado Áquila, originário do Ponto, que acabava de chegar da Itália com Priscila, sua mulher, por causa dum edito de Cláudio que ordenava a todos os judeus se afastarem de Roma. Aliou-se a eles e, como exerciam o mesmo ofício, ficou em casa deles, onde trabalhava. Exerciam a profissão de fabricantes de tendas. Cada sábado, ele discorria na sinagoga e esforçava-se por persuadir judeus e gregos.

Paulo ficou ainda algum tempo em Corinto; depois, despediu-se dos irmãos e embarcou para a Síria. Priscila e Áquila o acompanhavam. Ele havia rapado a cabeça em Cencréia, por causa de um voto que havia feito. Chegaram a Éfeso, onde ele se separou dos companheiros. Foi à sinagoga e ali se entretinha com os judeus. Estes lhe pediram que prolon-

gasse a sua permanência. Não consentiu, mas despedindo-se deles, disse-lhes: “Voltarei para vê-los outra vez, se Deus quiser”. E partiu de Éfeso.

Um judeu, chamado Apolo, originário de Alexandria, havia chegado a Éfeso. Era homem eloqüente, versado nas Escrituras. Tinha sido instruído no Caminho do Senhor e, no fervor do espírito, pregava e ensinava com exatidão o que se refere a Jesus, embora só conhecesse o batismo de João. Começou, pois, a falar com firmeza na sinagoga. Priscila e Áquila, que o tinham ouvido, tomaram-no consigo e lhe expuseram mais exatamente o Caminho.

Romanos 16, 3-5a

Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expuseram sua cabeça. Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as Igrejas da gentilidade. Saudai também a Igreja que se reúne em sua casa.

Marcos 6, 6b-8

Jesus percorria as aldeias circunvizinhas, ensinando. Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade sobre os espíritos imundos. Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto.



Perguntas para min e para nós: o dever de sentar-se

- *A resposta que damos ao apelo de Deus para nos amarmos, vocês a percebem na sua dimensão de “sacramento permanente”, como um testemunho constante de que um amor humano é possível e capaz de ser um sinal do Amor de Deus?*
- *Ao nos casarmos, formulamos um “projeto de fecundidade”? Se as respostas que damos a Deus que nos chama encontram-se também nos frutos que o nosso amor é capaz de dar, qual a*

fecundidade que julgamos ter realizado? A que fecundidade nos sentimos chamados na etapa atual de nossa vida de casal?

- *Que contributos nos vieram do Movimento das ENS e de sua pedagogia para responder aos apelos de nossa vocação conjugal?*



Partilhar, procurar, compreender juntos em equipe

- *O que pedimos à pedagogia das ENS na etapa atual de nossa vida de casal e de equipe?*
- *Embora permanecendo fiel aos carismas originais do Movimento, como deveria evoluir a pedagogia das ENS para responder às necessidades dos casais de hoje em dia?*
- *Quais os ministérios eclesiais que nos são acessíveis? A equipe nos ajuda a praticar o discernimento? Ela nos encoraja a tornar-nos disponíveis para prestar um serviço?*

Bibliografia

ENS, *O segundo alento*, 1988.

M. Gomez-Ferrer, *Une voix de femme*, p. 83-84. Cerf, Paris, 2001.

Sétima Reunião

ACOLHER O OUTRO PARA ACOLHER O SENHOR

Nosso desejo de conhecer a Deus, de entrar na sua “intimidade” pela oração, só pode ser preenchido pelo encontro com Cristo. Cristo nos dá Deus, Cristo é Deus. Quando o apóstolo Filipe pede a Jesus: “Mostra-nos o Pai”, Jesus responde: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,8). O Senhor Deus faz-se constantemente próximo de nós por seu Filho, e podemos realmente encontrá-lo todas às vezes que, ao acolher cada um dos nossos irmãos ou qualquer outra pessoa que seja o nosso próximo, reconhecermos em seu semblante as feições do Outro absoluto - o rosto de Deus.

O homem que na origem foi criado à imagem de Deus certamente não é como Deus, mas possui algo de Sua essência e de alguma forma O reflete, porque desde o início é a imagem de Deus, que é relação.

Com efeito, o homem se descobre a si próprio a partir do momento em que um outro ser humano o acolhe; dá um grito de alegria quando descobre que não está só, que tem ao seu lado alguém que lhe é semelhante. O homem, portanto, somente se descobre, se reconhece, torna-se ele mesmo e se desenvolve na sua relação com Deus e com os outros. Pelo contrário, a solidão é a sua morte espiritual e física.

A relação o leva a praticar o dom de si, por meio do qual o homem encontra e exprime a plenitude de seu ser e de sua existência, e aprende a conceber a vida como um dom e como algo que não pertence somente a ele mas também a um outro, que lhe dá o seu verdadeiro sentido.

Nascemos do mistério do encontro de amor de outras pes-

soas que nos deram a vida; permanecemos vivos graças ao ar que respiramos gratuitamente em nossos pulmões. Esse ar não é só um elemento natural, vital mas, simbolicamente, é também o alimento da alma, do coração e do espírito.

O Outro absoluto, Deus, vive também de uma relação de acolhida, não somente em relação ao homem, mas também em si mesmo. Ele é Pai, e Mãe também, como o recordava o Papa João Paulo I, Ele é Filho, e Ele é um Amor tão poderoso e misterioso que se encontra personificado no Espírito.

Filipe pede a Jesus: “Mostra-nos o Pai”. Jesus lhe responde: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,8). Ver Jesus, o homem Jesus, Filho de Deus, significa ver Deus. Isso significa que temos a possibilidade, em nossa natureza humana, de entrar na forte e feliz relação trinitária.

Uma das “Palavras Muçulmanas sobre o Cristo”, reproduzidas num caderno da revista internacional de teologia *Concilium* (2003), diz: Jesus encontrou um homem e lhe perguntou: “O que fazes?” O homem respondeu: “Consagro-me a Deus”. Jesus lhe perguntou: “Quem cuida de ti?”, “Meu irmão”, respondeu o homem. Jesus lhe disse: “O teu irmão tem maior devoção a Deus que tu”.

Procurar a Deus sem levar em conta o homem é uma pista falsa - histórica, religiosa e espiritualmente. Não se chega a Deus fechando os olhos para as necessidades do irmão. Na narração do Juízo Final Jesus no-lo recorda sem equívoco. Quando vimos Jesus? Quando encontramos e acolhemos o doente, o prisioneiro, o esfomeado e o sedento.

Quando termina a noite?

Um rabino costumava perguntar a seu discípulo: “Quando termina a noite e começa o dia?” O discípulo dava diversas respostas, nenhuma satisfatória. Finalmente, desanimado, deixava o mestre responder. E o rabino lhe disse: “Quando vês no rosto de um outro o rosto do teu irmão, é então que termina a noite e começa o dia.”⁵

Seria preciso que nos olhássemos mais freqüentemente nos olhos. O mundo perde um pouco de sua noite e recebe melhor a luz do sol cada vez que as pessoas conseguem aceitar-se mutuamente, com as suas belezas e as suas misérias. Isso só é possível se nos encontramos e nos consideramos no mais fundo da alma.⁶

Todo encontro de dois seres humanos nasce de um olhar, mas o olhar, para ser autêntico, precisa de silêncio. A inflação de palavras, quer em cascata violenta e barulhenta, quer mesmo de maneira delicada e sugestiva, nunca substituirá o silêncio mágico de um olhar.

Do medo à acolhida confiante

É o medo que nos impede de conhecer as nossas capacidades, de crescer e viver fraternalmente. Pode-se ter medo dos homens, mas também de Deus, quando Ele nos conduz por caminhos desconhecidos. Pensemos no temor de Maria quando o anjo lhe propõe tornar-se a Mãe de Deus. É do medo do outro que nascem todos os obstáculos ao encontro do outro, devido ao medo do outro; os cristãos muitas vezes se esquecem de que Deus se fez homem e quer salvar todos os homens, sem distinção de raça ou religião.

Quando partilhamos determinado momento ou situação, torna-se possível ultrapassarmos a aparência do outro. Demasiadas vezes nos detemos na superfície das coisas e das pessoas e não conseguimos perceber o que elas escondem. Não conseguimos encontrar o tesouro que está no outro.

O rosto do homem é o rosto de Deus

Em suma, o rosto do homem é o rosto de Deus. É a maneira pela qual o Senhor vem encontrar a nossa liberdade e realizar o

5. Apólogo da tradição judia.

6. Gianfranco Ravasi, *L'Avvenire* de 4 de fevereiro de 2003.

seu projeto a nosso respeito: no sim que dizemos, principalmente aos acontecimentos, pois a trama de nossos dias é tecida de acontecimentos e fatos de aparência freqüentemente banal; e, normalmente, é através desses acontecimentos que o Senhor se torna presente em nossa vida, e não em nossos projetos, pensamentos, imaginações e sentimentos mais ou menos esclarecidos e muitas vezes cambiantes. E os acontecimentos se revestem da fisionomia precisa do rosto dos homens e de sua história. Como no-lo lembra o Natal, nosso Deus é um “Deus feito carne” que, para nos encontrar, quis entrar fisicamente na história e, pelo desenrolar desses acontecimentos, quis encontrar a vida de todos nós. O cristianismo é uma religião encarnada, que crê num Deus que se fez menino pobre numa gruta da Judéia e foi crucificado como um malfeitor na cidade que os judeus acreditavam ser habitada por um outro Deus.

Se acreditamos nesse Deus, fazemos a experiência de uma amizade que se torna comunhão, comunidade cristã, elemento num mundo novo, de traços diferentes dos demais. Nossa fé se faz “carne”, corpo do Cristo, que pode ser encontrado e “tocado” por todos, em todos os meios, mesmo naqueles que são aparentemente os mais hostis e afastados. Se pensarmos nisso, como é grandioso! Nos nossos encontros, não é apenas Marcos, Antônio, Joana, Sara, Lucas, Francisco, ou outro qualquer que encontramos, mas é Jesus, graças à sua presença entre nós, em nossa comunhão. Aí está o instrumento que o Senhor escolheu para encontrar o homem: não os cursos bíblicos ou teológicos, a eloqüência ou a sabedoria, as qualidades pessoais ou a consistência moral, mas sim a comunhão com aqueles que se reconhecem n’Ele, que se torna presente e se deixa encontrar em todos os meios.

Os outros mais próximos

O primeiro livro da Bíblia nos revela que é no casal que a alteridade manifesta a sua maior capacidade de desenvolvimento

para o ser humano: com efeito, no casal, em seu amor conjugal, vive-se a cada dia o encontro com o outro e com a diferença.

Para muitos casais também, existe um outro por excelência: a criança. Tagore⁷ nos lembra que “toda criança que nasce nos traz a boa notícia que Deus ainda não se cansou dos homens”; ou que, por meio de nossas crianças, Deus nos quis dizer algo, nos amar de maneira singular. As crianças também nos contam muito a respeito de nós mesmos: são o espelho dos nossos limites, por vezes dos nossos malogros e das nossas frustrações; são sempre setas que nos levam a percorrer o espaço e o tempo, para que possamos atingir o ponto onde não poderíamos chegar com uma só vida.

Inumeráveis, na verdade, são os que nos apresentam o rosto de Deus. Em quantos rostos podemos ler a pergunta de Cristo: “Quem dizeis que eu sou?”



Para refletir sobre as palavras dos homens

Da espiritualidade popular indiana: “A mangueira” (Para um indiano, o paraíso é inconcebível sem mangas):

Um ancião cava em seu jardim: “Que fazes?”, perguntam-lhe. “Planto uma mangueira”, responde. “Achas que vais comer os seus frutos?”, dizem-lhe ainda. E ele replica: “Não, não viverei o suficiente para provar os seus frutos, mas outros poderão prová-los. Quanto a mim, comi durante toda a minha vida frutas plantadas por outros.”.

Santo Ambrósio, Bispo de Milão, no séc. IV:

O bem de seus filhos será o que eles mesmos terão escolhido: não sonhem em transferir-lhes os seus desejos. Bastará que saibam amar o bem e guardar-se

7. Rabindranath Tagore, poeta, pensador e educador bengali (1861-1941), prêmio Nobel de literatura em 1913.

do mal, e que tenham horror à mentira. Não queiram pois delinear o seu futuro; tenham, isso sim, orgulho de que eles alcem vôo para o amanhã, mesmo quando lhes parecer que os estão esquecendo. Não encoragem ingênuas idéias de grandeza, mas se Deus os chamar a fazer algo de belo ou de grande, não sejam o empecilho que os impede de voar. Não se atribuam o direito de tomar decisões em seu lugar, mas ajudem-nos a compreender que é preciso decidir e que não devem estranhar que aquilo de que gostam requeira esforços e, por vezes, acarrete sofrimentos, porque não se pode agüentar uma vida vivida sem motivo. Mais do que os seus conselhos, é a estima que eles têm por vocês e a estima que vocês têm por eles que os ajudará; mais do que por mil recomendações esmagadoras, serão ajudados pelos gestos que terão visto em casa. [...] Todos os discursos sobre a caridade não me ensinarão mais do que o gesto de minha mãe mandando entrar em casa um vagabundo esfomeado; e não conheço gesto melhor para manifestar o orgulho de ser homem do que o de meu pai tomando a defesa de um homem injustamente acusado. Que os seus filhos morem em sua casa gozando do bem-estar que incita a ficar à vontade e encoraja a sair de casa, porque assim ele lhe dá a confiança em Deus e o gosto por uma vida bem vivida.

Arturo Paoli, Irmãozinho de Charles de Foucauld, nascido em Lucca (Itália) em 1912, passou a maior parte de sua vida na América do Sul – Venezuela, Argentina, Brasil – partilhando a vida difícil dos mais pobres e deserdados:

Imaginemos um homem que, em sua peregrinação pelo mundo dos homens, carregou sobre si todas as misérias que encontrou e não conseguiu dar uma resposta à pergunta de por que tanta miséria, a ponto de endurecer e afastar-se do Deus objeto de suas ora-

ções habituais. Um dia, no deserto de sua alma, penetra um fogo devorante, de repente, de improviso, sem ser aguardado. Esse fogo, ainda sem nome, o envolve com laços apertados, o torna obediente e passivo, e ao mesmo tempo o arrasta junto com ele rumo aos Outros. Não mais consegue lhe dar o nome do Deus a quem sempre se dirigiu em oração; esse fogo é o Deus que desce, que vem encontrá-lo, mandá-lo de volta aos outros. O outro é a sua religião, o seu amor por Deus, a sua obediência a Deus, é o “eis-me aqui”, a última palavra que o “eu” pronuncia antes de ser consumido pelo fogo.



Para refletir sobre a Palavra de Deus

Mateus 25, 34-40

Então dirá o rei aos que estão à sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. Então os justos lhes responderão: Senhor, quando é que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando é que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando é que te vimos doente ou preso e fomos te ver?” Ao que lhes responderá o rei: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.”

Oração “nua” de Juan Arias

Senhor, gostaria, eu também, de fazer para você a minha oração. Uma oração que só tem uma palavra: os outros. Não é por generosidade; é uma necessidade vital. Sem os outros, estou morto, sou um sonho, uma sombra, não sou nada. São eles outros que melhor me revelam a realidade que eu sou. São eles o meu Deus e eles são eu mesmo.

Em meio aos outros, Senhor, há os que dormem, os que despertam, os que têm fome, ou ainda os escravos. Para eles quero ser grito, esperança, pão e liberdade.

Há no meio deles os que têm sede de toda justiça e acreditam em todo gesto humano.

Quero pegar a sua mão para caminharmos juntos, sem questioná-los. [...]

Estão no meu barco, sonham com a mesma margem, ainda que não lhes tenhamos dado a todos o mesmo nome; falam a mesma língua: aquela que quer libertar todo homem de toda escravidão.

Se houver em meu barco um deles cujos olhos se iluminam com a luz dos ressuscitados, comerei com ele os primeiros frutos da vida; o crepúsculo confundir-se-á com o amanhecer; não se perceberá mais a diferença entre o sol e a neve, e até os figos serão eucaristia.

E, verdadeiramente, seremos Tu.

Mas, por que é tudo isso assim, e por que, por necessidade minha e desejo meu, fiz tudo isso, Senhor? Quanto a mim, assumo o compromisso de inventar a cada dia novos meios de fazer mais, mas gostaria de oferecer aos outros a possibilidade de pedir-me o que gostariam que eu fizesse para ajudá-los a se libertar.

Gostaria, Senhor, que nunca me faltasse a coragem de conservar sempre a minha porta aberta a todo pedido humano que leve ao desabrochar do homem. Sinto que somente assim a esperança do meu desabrochar poderá ter sentido, e poderei pedi-lo a Ti, sem corar.



Perguntas para mim e para nós: o dever de sentar-se

- *Quais são em nós os sentimentos dominantes: o medo, o fechamento em si, a confiança, a acolhida...?*
- *Quem me acolheu, ainda que parcialmente? A quem eu soube*

acolher, ainda que parcialmente? A quem não acolhi? Quando não soube fazer-me aceitar?

- *Que pessoas nos acolheram como casal? Que pessoas acolhemos como casal?*
- *E, principalmente, percebi – percebemos – a presença concreta do Senhor na outra pessoa que encontrei – que encontramos?*



Partilhar, procurar, compreender juntos em equipe

- *O que pensamos da situação presente e do futuro de nossos filhos? Em vista de que objetivos os educamos?*
- *Em equipe, como nos sentimos aceitos como pessoas e como casal? Como acolhemos os outros equipistas? E como acolhemos os outros que não são equipistas?*
- *Como a nossa equipe encarna a sua fé em Jesus de Nazaré, Filho de Deus, Salvador de toda a humanidade? Como o anunciamos?*
- *Conseguirá o homem de amanhã tornar-se homem “para” os outros, homem da responsabilidade por todos os homens que habitam o nosso planeta?*

Bibliografia

Juan Arias, *Oração nua*, 2^o ed. Assis, Cittadella, 1971.

Francesco Grasselli, *Famiglie e missione*, Bolonha, EMI, 2002.

Jean-Paul II, *Homem e mulher Ele os criou, uma espiritualidade do corpo*, Catequese sobre o amor e a sexualidade, nova ed. em um volume. Paris, Cerf, 2004.

Arturo Paoli, *Della mistica discorde: l'impegno come contemplazione*. Molfetta, La Meridiana, 2002.

Oitava Reunião

“QUEM DIZEM QUE EU SOU?” — “TU ÉS O CRISTO, O FILHO DE DEUS”

Se completarmos o caminho de nossa maturidade humana, se formos até o fim do caminho da fé, poderemos então responder em plena consciência, de maneira firme e com segurança à pergunta de Jesus “E vós, quem dizeis que eu sou?” - “Tu és o Cristo, o Filho de Deus”.

A resposta que buscamos, não podemos encontrá-la numa idéia, mas sim numa pessoa viva, Jesus Cristo, Salvador de todos os homens, modelo de vida para todo ser humano. A resposta que buscamos, aquela que dá sentido a tudo aquilo que vemos, é o Cristo, que em primeiro lugar nos amou e que, da mesma forma, pede a cada um de nós: que amemos, nada mais.

Ao terminar estas reflexões...

Percorremos um caminho de reflexão para tentar responder, também nós, à pergunta de Cristo: “Quem dizeis que eu sou?”

Interrogamo-nos juntos, em casal e em equipe, procurando encontrar as respostas susceptíveis de indicar o sentido da nossa fé, da nossa vocação conjugal, da nossa maneira de viver; vimos e compreendemos que um número sempre crescente de pessoas vive hoje num clima de grande incerteza devido às transformações rápidas de uma sociedade que perdeu a estabilidade tranquilizadora da época anterior, tanto em nível econômico, com desequilíbrios cada vez mais acentuados e preocupantes, como em nível social e civil, e também, ético e religioso.

Esta incerteza gera a insegurança e o medo diante do tempo presente – o que vai acontecer comigo? -, diante do futuro –

o que vai acontecer com os meus filhos? – e, paradoxalmente, mesmo em relação ao passado – será que me enganei? em quê? Ao fim de uma longa reflexão durante este ano todo, as perguntas fundamentais do homem parecem ficar sem resposta: Por que vivo? De onde venho e para onde vou? Existirá um futuro possível noutra lugar? Existirá realmente um futuro no além? E, principalmente, qual o sentido, qual o significado de minha existência?

Olhando ao redor de nós, temos que constatar cada vez mais claramente uma crise da família que, durante séculos, fora um fator de estabilidade; vemos tensões entre pais e filhos que recusam a experiência do passado, relações sexuais nem sempre vividas como relação de amor, confusão de papéis entre o homem e a mulher que, recentemente, atingiu a sua emancipação, embora ainda parcial; e, finalmente, tensões entre o casal. Em particular, os pais parecem ter renunciado ao seu papel educativo, justamente por lhes faltar confiança na vida que viveram e que vivem; os jovens parecem encarar o casamento com receio.

No mundo inteiro, muitos se perguntam se os usos e tradições herdados do passado são valores de civilização, de sociabilidade, pontos de ancoragem, ou se não passam de herança de situações terminadas com as quais não há mais motivo de se querer prosseguir. Na realidade, contudo, será tudo isso tão negativo assim?

... há uma resposta ...

Podemos, nesse panorama tão negativo, e de forma cada vez mais consciente, detectar uma resposta capaz de operar uma revolução na vida daquele que crê: a resposta não está no âmbito das idéias, da ideologia; a resposta é um homem vivo, é Jesus Cristo.

É ele que revela o mistério da história do cosmos e de cada um de nós. O mistério revelado é que, na raiz da evolução cósmica

mica milenar que levou à aparição do homem na terra, há um Poder criador - Deus-Pai - que não somente faz com que o homem exista mas, principalmente, faz dele o objeto de uma relação de amor tão intensa e radical que reparte, por seu Filho a condição humana, “*pois Ele mesmo foi provado em tudo, como nós, com exceção do pecado*” (He 4, 15); e que, na Ressurreição do Filho, prefigura o nível de plenitude definitiva ao qual todo homem é chamado.

Assim, o Cristo, não somente revelador, mas também modelo de vida e salvador, é o centro da vida daquele que crê.

Jesus Cristo pode tornar-se o modelo de uma vida que vale a pena viver, de uma vida cheia de sentido. Ele tem a resposta a todos os desejos de grandeza, de bondade, de eternidade, de infinito, que estão no coração do homem. Ele nos salva ainda que o mal continue a existir em nós e no mundo, ainda que a provação e o sofrimento nos atinjam de perto, ainda que a nossa vida acabe com a morte. Ele nos salva porque a sua misericórdia nos mostra que os pecados são perdoados, porque nos ensina que o sofrimento e a provação não são um destino selado para sempre, mas principalmente, ele nos salva porque ressuscitou!

Deus não nos salva sem nós

“O Deus que te criou sem ti não te salvará sem ti” (Sto. Agostinho). Considerar o Cristo como o modelo do homem que Deus quis e desejou comporta a nossa vontade de segui-lo, assumindo os traços característicos que fazem dele um grande mestre, mesmo para muitos não-crentes.

Para aqueles que crêem, esses traços não são os que fizeram dele há dois mil anos o homem que, ao passar pelo mundo, nele deixou uma marca indelével, mas são as características do homem-Deus, que vive hoje, ontem e sempre, e que opera continuamente (“*Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho*” Jo 5, 17) para que a vida de todos os homens seja divinizada, num sentido que ultrapassa os limites do tempo.

Jesus Cristo se fez o que somos para que nos tornemos o que ele é; esse é o ensinamento dos Padres da Igreja. “Jesus Cristo se fez homem para que sejamos divinizados” (Sto. Atanásio); “o homem é uma criatura, mas uma criatura que recebeu a ordem de tornar-se Deus” (S. Basílio de Cesaréia); “se Deus tornou-se homem, o homem tornou-se Deus” (S. Cirilo de Alexandria); “somos divinizados por Jesus Cristo” (S. Gregório de Nazianzo).

Enquanto a obra de Deus, por Jesus Cristo e no Espírito, nunca falta, pode, isto sim, falhar a resposta vigorosa, franca, segura, consciente, que consiste em esforçar-nos em ser como ele. *“Ele permanece aquele que nos amou em primeiro lugar, que inclinou-se sobre a criatura tirada do nada, para que pudesse participar livremente da plenitude divina; criatura chamada à existência não somente para amar, mas para ser, por sua vez, amada. Essas duas linhas do amor – descendente e ascendente – se encontram e se confundem; uma desce como um raio de luz, a outra sobe como o jorro de uma nascente de água viva. E ambas atestam o milagre de amor anunciado pelo apóstolo S. João: somos já filhos de Deus”*.⁸

A resposta indispensável do homem

Digamos, uma vez mais, que a resposta do homem ao milagre do amor divino é necessária e que, já que temos um modelo, a resposta consiste em segui-lo, em tentar encarnar em nossa vida os traços característicos de Jesus que conhecemos pelos Evangelhos.

Antes de mais nada, é o amor sem condições; disso temos muitos exemplos: quando “ele se senta à mesa com publicanos e pecadores”, quando perdoa o adultério, ao mesmo tempo em que ordena não mais pecar, quando conduz com amor a Samaritana a uma introspecção que reno-

8. Myrrha Lot Borodine (cf. bibliographie).

va a sua vida. Vejamos agora quais são os traços característicos de Jesus que respondem particularmente às nossas necessidades atuais:

- Jesus Cristo é servo por amor: “*O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*” (Mt 20,28).
- É o mestre que tem autoridade: “*Extasiavam-se com o seu ensino, porque lhes ensinava com autoridade*” (Mc 1, 22), que provinha do fato que ele proclamava a Verdade e propunha uma escala de valores explicitada nas Bem-Aventuranças e testemunhada por sua vida.
- O Cristo é um homem livre em relação às normas, aos costumes, e até à Lei que ele veio “cumprir”; ele não limita a relação com Deus a um conjunto de ritos a observar, mas a faz consistir na conversão do coração: “*Convertei-vos e crede no Evangelho*” (Mc 1, 15).
- Ele acolhe a todos, vai ao encontro de todos, em torno dele respiramos como um ar de família, e hoje ele nos convida a uma sociabilidade que se opõe aos contravalores do individualismo - sinal de egoísmo, de fechamento aos outros, que nega os valores que estão no coração do homem.
- Para nós, para sermos seres vivos, é essencial colocar-nos a serviço, sermos credíveis, harmonizando-nos com o Evangelho, sermos livres de constrangimentos e condicionamentos do mundo, mas não alforriados da lei do amor, sempre abertos e acolhedores para todos. Ao estarmos totalmente impregnados pela lei do amor, ficamos completamente livres; livres também do medo e da insegurança que se espalham entre os homens; livres, ainda, porque, paradoxalmente, somos totalmente servos.
- No amor pelos homens, confirmaremos o nosso amor pelo Pai e não teremos mais receio de ouvir a pergunta “*Quem dizeis que eu sou?*”, porque sabemos que o Cristo é aquele que nos amou primeiro e só espera de nós uma resposta, a resposta do Amor.



Para refletir sobre as palavras dos homens

Enzo Bianchi, monge da Comunidade de Bose:

Por que Deus se fez homem?

A pergunta do motivo pelo qual Deus se fez homem, constantemente recorrente através dos séculos de cristianismo, recebeu, no essencial, uma só resposta, mas sob duas formas distintas e não contraditórias, uma no Oriente, outra no Ocidente. Na tradição oriental impôs-se a fórmula de Santo Atanásio: “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus”, isto é, para que ele conhecesse o caminho da theosis, a divinização; no Ocidente, insistiu-se mais na ação salvífica realizada por Deus em Jesus: “Deus se fez homem para salvar o homem”.

Se aprofundarmos, contudo, as duas respostas, estou convencido – e espero que ninguém se escandalize com isso – de que a resposta também se pode exprimir assim: “Deus se fez homem para que o homem se torne realmente homem!”

Sim, Deus se fez homem em Jesus de Nazaré para nos mostrar o homem autêntico, o homem realmente feito à sua semelhança e ensinar-nos assim a viver em plenitude, até conhecer - e ousar dizê-lo -, não somente dias cheios de alegria, mas até de glória. Aliás, é esse o sentido da encarnação, tal como no-lo apresenta principalmente o quarto Evangelho: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória... (Jo 1,14).

Christian Duquoc:

Jesus é Deus de uma maneira especial – como Filho – e ser Deus dessa forma não anula o que também foi: Jesus de Nazaré. Muito pelo contrário, é por meio do que foi, humana e historicamente, que ele se manifesta a nós como “filho”, a tal ponto que não consegui-

mos alcançá-lo em seu ser divino colocando entre parênteses ou esquecendo o que foi. O que é original em Jesus, e constantemente rechaçado por nós, é que seja Filho de Deus num sentido que não é só o de uma proximidade moral com Deus, mas de uma identidade misteriosa com a própria realidade de Deus, sem que essa destrua a sua vida histórica ou a torne anódina. Muito pelo contrário, se ele é reconhecido como Filho, com fundamento na Ressurreição não o é a despeito de sua vida terrestre, mas é por meio dela, porque é somente por meio dela que se torna perceptível o sentido de sua filiação divina. Não é na manifestação do seu poder aniquilando os seus adversários, nem na majestade do Juízo assegurando a justiça, nem na glória insuspeita de Deus espalhando um temor sagrado, mas sim numa personalidade, numa autoridade, numa liberdade humana, no perdão, na opção pelos excluídos, que ele é Filho de Deus. O importante é que Deus seja reconhecido precisamente aí, e não no poder irresistível, no temor sagrado, na permanência da ordem. A realidade de Deus não nos é acessível por ela mesma, ela se nos torna visível num rosto humano, o rosto do Filho, Jesus.⁹

Jean Allemand:

O Cristo é a Palavra de Deus encarnada, tornada um de nós. Por toda a sua vida, por seu ensinamento, seus gestos, sua Paixão e sua morte, Ele é a Palavra de Deus aos homens. O Cristo é a Palavra total, definitiva, insubstituível, que exprime Deus à perfeição. A Palavra de Deus não é em primeiro lugar um texto, mas uma Pessoa.¹⁰

9. Christian DUQUOC, "Jesus homem livre" CERF 1975 p 124,125.

10. Jean Allemand, "Orar 15 dias com o Padre Caffarel", p. 78.



Para refletir sobre a Palavra de Deus

João 6, 32-40

Em Cafarnaum, Jesus respondeu à multidão: *“Em verdade, em verdade, vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas é meu Pai quem vos dá o verdadeiro pão do céu; porque o pão de Deus é o pão que desce do céu e dá vida ao mundo.”* Disseram-lhe então: *“Senhor, dá-nos sempre deste pão!”* Jesus lhes disse: *“Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome e o que crê em mim nunca mais terá sede. Eu, porém vos afirmo: vós me vedes, mas não acreditais. Todo aquele que o Pai me der virá a mim e quem vem a mim eu não o rejeitarei, pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou. E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia. Sim, esta é a vontade do meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia.”*

Isaías 55, 1-11

Ah! todos vós que tendes sede, vinde à água.
Vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei;
comprai sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite.
Porque gastais dinheiro com aquilo que não é pão,
e o produto do vosso trabalho com aquilo que não pode satisfazer?
Ouvi-me com toda atenção e comei o que é bom;
havei de deleitar-vos com manjares revigorantes.
Escutai-me e vinde a mim,
ouvi-me e havei de viver.
Farei convosco uma aliança eterna,
assegurando-vos as graças prometidas a Davi.
Com efeito, eu o pus como testemunha aos povos,
como regente e comandante de povos.
Assim, tu chamarás por uma nação que não conheces,
sim, uma nação que não te conhece acorrerá a ti,
por causa do Senhor, teu Deus, à busca do Santo de Israel,
porque ele te cobriu de esplendor.

Procurai o Senhor enquanto pode ser achado,
invocai-o enquanto está perto.
Abandone o ímpio o seu caminho,
e o homem mau os seus pensamentos,
e volte para o Senhor, pois terá compaixão dele,
e para o nosso Deus, porque é rico em perdão.
Com efeito, os meus pensamentos não são os vossos pensamentos,
e os vossos caminhos não são os meus caminhos, oráculo do
Senhor. Quanto os céus estão acima da terra,
tanto os meus caminhos estão acima dos vossos caminhos,
os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos.
Como a chuva e a neve descem do céu
e para lá não voltam sem ter regado a terra,
tornando-a fecunda e fazendo-a germinar,
dando semente ao semeador e pão ao que come,
tal ocorre com a palavra que sai da minha boca:
ela não torna a mim sem fruto;
antes, ela cumpre a minha vontade
e assegura o êxito da missão para a qual a enviei.



**Uma só pergunta para mim e para nós:
o dever de sentar-se**

...e depois para



**Partilhar, procurar,
compeender juntos em equipe**

- *No término do percurso de reflexão cumprido este ano, em preparação ao Encontro de Lourdes, uma só pergunta para refletirmos sozinhos, em casal e em equipe: Se o Cristo nos encontrasse hoje e nos perguntasse: “Quem dizeis que eu sou?” qual seria a nossa resposta?*

Bibliografia

Myrrha Lot-Borodine, *Perchè l'uomo diventi Dio*, ed. Qiqaiou
Jean Allemand, *Orar 15 dias com Henri Caffarel*, Ed. Santuário, 2002.

Anexo 1

CRISTO, SENHOR DA HISTÓRIA

Mons. François Fleischmann
SCE da ERI

Para conhecer Jesus

Nós conhecemos Jesus? Os traços fundamentais da pessoa de Cristo precisam ser sempre redescobertos, na busca assídua da Palavra de Deus, essencial à espiritualidade das ENS. Nas minhas comunicações deste ano, irei propor a Vocês algumas pistas.

Existem muitas maneiras de abordar a pessoa de Jesus. As gerações recentes têm feito clara distinção entre uma *crisologia de baixo para cima*, em que se parte da pessoa humana de Jesus para descobrir a grandeza de sua missão e a sua divindade, e uma *crisologia de cima para baixo*, em que se acolhe a revelação do Cristo que desceu e se fez homem entre nós, e se reflete sobre o que isto implica na história humana. É freqüente admitir e associar as duas abordagens, sendo natural e necessário fazê-lo.

Hoje eu venho propor para vocês a reflexão sobre a primeira abordagem: retornar sempre aos testemunhos de São Paulo e de São João, complementares aos evangelhos sinóticos. Dito isto, o nó central é evidentemente o fato: o mistério da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, ponto de passagem obrigatória para a compreensão do Evangelho, do Novo Testamento e de nossa relação com o Cristo.

Se nós hoje falamos de Jesus, o Cristo, é porque um grupo de discípulos, no tempo da Páscoa, O reconheceu despertado da morte, libertado, exaltado, ressuscitado. Eles proclamaram esta Boa Nova, que é sua convicção e sua fé.

As primeiras profissões de fé que têm chegado até nós resumem o essencial. Paulo escreve assim aos Coríntios (em torno

do ano 54): *Eu vos transmiti em primeiro lugar o que eu mesmo tenho recebido, a saber, que o Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, que ele foi posto num túmulo, que ele ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, que ele apareceu a Pedro...* (I Cor 15,3-5). Nesta passagem, Paulo nos mostra a sua certeza de que Jesus conheceu a morte como todo o ser humano, mas que está vivo e permanecerá para sempre.

Estes testemunhos não têm por objetivo fazer uma biografia de Jesus. Os critérios deles não são os da nossa cultura histórica atual. Como anunciadores da Boa Nova de Jesus vivo, eles a desenvolvem retomando o ensinamento colhido junto dele durante sua vida terrestre: as suas palavras, gestos, milagres, conflitos em que se envolveu, sua Paixão. Em resumo, eles fazem um movimento do hoje para o ontem, sua memória iluminada pela Ressurreição os faz compreender a relevância das palavras e ações de Jesus.

Os fundamentos históricos não são menos consistentes, se evitarmos os preconceitos que descartam a priori a veracidade histórica dos dados do Novo Testamento. Ninguém mais põe em dúvida a existência histórica de Jesus de Nazaré. Estão presentes nos quatro Evangelhos referências geográficas e cronológicas que situam bem a existência de Jesus no espaço e no tempo. As testemunhas parecem ser tanto mais dignas de crédito quanto elas não se dão o trabalho mais fácil: elas não escondem suas próprias dúvidas, notadamente diante dos anúncios da sua paixão e da sua ressurreição.

As abordagens dos quatro evangelistas são diferentes, mas eles coincidem no fundamental, sem contradições importantes, ao trazer à lembrança a imagem de Jesus, cuja condição humana obedece à lei comum, com exceção do pecado. É fácil realçar os seus traços principais nos Evangelhos: seu nascimento, seus sentimentos, como a amizade, fadiga, sofrimento e ainda a sua morte. Outros elementos mostram que Jesus tinha também uma outra dimensão: pensamos espontaneamente em seus milagres, destacando sempre que os Evangelhos não insistem em seus aspectos espetaculares, mas os relatam

pelo que eles significam. São João os chama de *sinais*. Não se deve, porém, negligenciar a intimidade de Jesus com o Pai dos Céus, intimidade que contém grande poder de revelação.

Nosso conhecimento sobre Jesus alimenta nossa esperança, nossas razões de sermos ativos na Igreja, nossa fé com tudo o que ela implica. O crente é aquele para quem os fatos e as mensagens recebidas são outros tantos sinais de uma presença que se revela, sinais de *Deus entre nós*, que confere à nossa vida seu sentido último.

Como Cristo é nosso Salvador?

Uma das primeiras profissões da Fé Cristã, relatada por São Paulo, põe como afirmação central: “Cristo Jesus morreu por nossos pecados, e ressuscitou”. Ele é portanto nosso Salvador. Estamos nós realmente conscientes disto? Estamos nós dispostos a partilhar esta convicção com os que convivem conosco? Reconhecemos que este é um assunto difícil de abordar, porque muitos de nossos contemporâneos não sentem a necessidade de serem *salvos*. Eles buscam o seu desenvolvimento em si mesmos e não o esperam receber de um outro, mesmo que este outro seja o próprio Deus.

Um primeiro ponto: a mensagem transmitida pelos apóstolos no início dos Evangelhos é o anúncio feito por Jesus da chegada do Reino de Deus. Se a expressão nos diz pouco, recordemo-nos de que seu sentido evangélico está bem longe das realidades políticas que a palavra evoca. O “Reino de Deus” é a condição da humanidade em comunhão com Deus, onde todos, libertos da morte, são reconciliados com Deus e entre si. É a felicidade pela realização plena de nossas aspirações mais fortes e mais puras. É a paz, como a definiu Santo Agostinho: “A paz é a tranqüilidade na justiça”. O “Reino de Deus” é realmente a “salvação” realizada para toda a humanidade.

Jesus anuncia o Reino como um dom de Deus para os homens, para a felicidade que eles esperam e que não podem

alcançar por si mesmos. O Reino de Deus se inaugura pela vinda de Jesus. Se o Reino está próximo, é porque Jesus está presente. A chegada do Reino começa com a chegada da pessoa de Jesus. Podemos nos admirar da “pretensão” inusitada de Jesus, pois ele apresenta a si mesmo como o portador do dom de Deus aos homens. Mas este é o próprio coração da Boa Nova. A pessoa de Jesus adquire uma dimensão universal.

É verdade que o anúncio do Reino de Deus tem a aparência de uma utopia inacessível. Quando os discípulos se impacientam e pedem a Jesus que lhes revele o momento em que o Reino vai ser instaurado, eles não podem ainda compreender como Jesus irá concretizar este dom fundamental de Deus à humanidade. Em seu estupor, eles se perturbam quando ouvem Jesus dizer que deverá passar pela morte.

Nós não podemos encobrir o que a mensagem cristã tem de contraditório: prometer a felicidade passando pela morte. São Paulo teve que enfrentar esta dificuldade, sua fé na salvação por Cristo repousa sobre a pessoa dele: *o Filho de Deus que me amou e se entregou por mim* (Gl 2, 20). Aos Coríntios ele escreve: *Nós anunciamos um Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos, mas, para os que são chamados, judeus e gregos, é o Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é tido como fraqueza de Deus é mais forte que os homens* (I Co 1, 23-25). De fato, como basear tudo sobre um condenado a uma pena infamante? Como admitir que o poder de Deus pareça posto em cheque?

A mensagem cristã se situa em uma encruzilhada decisiva quanto à maneira de perceber quem é o próprio Deus. Deus é certamente todo-poderoso, mas é ao mesmo tempo “amor” absoluto. Sua soberania se manifesta pela admirável liberdade com a qual ele aceita participar da maior fraqueza humana. É a isto que se chama *kenosis*, isto é, o abaixamento consentido do próprio Filho de Deus feito homem, que se despoja de sua glória até assumir a condição de escravo e que se humilha até a morte na cruz. São Paulo resume isto no admirável hino da Carta aos Filipenses, que é lida no domingo de Ramos e da

Paixão. E nós conhecemos a conclusão deste hino: *Assim Deus o exaltou... para que toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor* (cf Fl 2, 6-11).

Jesus, o Senhor ressuscitado, é vencedor da morte. É-nos necessário compreender que o Filho, cujo ser é todo *para Deus*, não veio ao mundo senão *para nós*, a fim de nos levar para Deus. Sua ressurreição é a promessa da nossa. Ela nos mostra o que significa ser salvo: é viver, viver para sempre, numa vida iluminada pelo amor infinito de Deus, no Reino da reconciliação e da paz. O Cristo, primeiro renascido dentre os mortos, toma a frente da humanidade e conduz todos os seus irmãos e irmãs para a ressurreição, graças ao dom total de si mesmo, na nova e eterna Aliança.

Jesus, o filho de Deus

Nós aprendemos desde a infância que Jesus é o Filho de Deus. À nossa volta, porém, alguns contestam a condição divina de Cristo. Mas este é precisamente o dado central da fé cristã. Vale a pena, então, voltar a refletir sobre ele.

Sem fazer uma demonstração lógica e racional, já que estamos no domínio da fé, experimentemos ver como, no seguimento aos discípulos de Cristo, somos conduzidos à afirmação que nos é proposta por toda a Igreja desde as origens: Jesus Cristo é o Filho de Deus. Se percorrermos as páginas do Evangelho, constatamos que Jesus, ao mesmo tempo em que se comporta como um pobre e perfeito servidor, também se exprime com uma autoridade tal que ultrapassa a dos antigos profetas. Suas palavras causam forte impressão sobre as multidões que O escutam, *estupefatas com seu ensinamento, pois Ele as ensina como quem tem autoridade* (Mt 7, 28-29). Além disso, sem hesitar Ele perdoa ao paralítico seus pecados, uma prerrogativa divina, mais forte mesmo que aquela da cura. Disto estão conscientes todas as testemunhas (Mt 9, 1-8). Ele reivindica o poder de ser *Senhor do Sábado* (Lc 6, 5), o que quer dizer que

sua palavra iguala ou ultrapassa a própria Lei. Ele faz uma afirmação em termos que não escondem a sua condição divina, ao se atribuir o nome divino, quando diz: *Antes que Abraão existisse, Eu Sou (Jo 8, 58)*.

Esta autoridade incomparável, Jesus a fundamenta na sua relação filial e única com Deus, a quem Ele chama de “meu Pai”. Ele tem consciência de ser o Filho único de Deus e, neste sentido, de ser Ele mesmo Deus. O Evangelho de São João, em particular, mostra a intimidade constante de Jesus com seu Pai, que Ele designa como *meu Pai e vosso Pai*, em sua mensagem de ressuscitado às santas mulheres (cf. Jo 20, 17), expressão que sugere que a relação de Jesus com o Pai não é da mesma ordem que a dos discípulos com o Pai. A própria pessoa de Jesus-Filho revela Deus-Pai. Quem mais ousaria dizer: *Quem me viu viu o Pai?* (Jo 10 14, 9).

Jesus revela o Pai num sentido totalmente novo: Deus é Criador e, acima de tudo, é eternamente Pai, numa relação comunicada plenamente a seu Filho único, Ele que é eternamente Filho em relação ao Pai. Precisamos meditar sempre sobre estas palavras de Jesus: *Ninguém conhece o Filho, senão o Pai, como ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar* (Mt 11, 27).

E, como narração completa e histórica da presença do Filho encarnado entre nós, é o Evangelho todo que testemunha a divindade de Cristo. O sentido de tudo o que Cristo diz e faz decorre do que Ele mesmo é. É porque Ele é o Filho de Deus que Ele pode fazer de nós filhos também: *a todos aqueles que o têm acolhido Ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1,12).

Que este breve rememorar da fé na condição divina de Jesus não nos faça esquecer que Ele assume totalmente a condição humana. Indo mais além, é necessário dizer ainda que o Filho de Deus feito homem experimenta e suporta realmente, à exceção do pecado, todas as rupturas, os sofrimentos e a própria morte, que caracterizam nossa condição humana. Ele vai experimentar até o “abandono” de seu Pai, como testemunham sua agonia no Getsêmani e o grito sobre a Cruz.

Autores de escritos sobre espiritualidade e teólogos nos permitem dizer que, em Jesus Cristo, é o próprio Deus trinitário que dá provas de compaixão; e esta é a obra de amor mais perfeita. Podemos assim falar do “sofrimento de Deus”, isto é, desta compaixão por amor, que repara as rupturas e nos reconcilia, para nos fazer entrar na alegria da reconciliação e da união com Deus, que é a alegria da correspondência perfeita que reina entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a alegria da chegada do Reino, cujo caminho o Filho vem abrir no meio de nós.

Anexo 2

“QUEM DIZEM ELES QUE EU SOU?”

*Jan e Peter Ralton
Super-Região Oceania*

Jesus pergunta: “Quem dizem eles que eu sou?”. Esta pergunta é a primeira de duas.

Esta primeira pergunta, Ele a faz às pessoas que o cercam; a segunda, ao contrário, é feita aos discípulos, aos que estão perto de Jesus e que O escutaram, viram tudo o que Ele fez e estão, de alguma forma, comprometidos a segui-lo. Pedro, como porta-voz dos doze, diz: “Tu és o Cristo”. Uma profissão de fé; contudo Cristo continuou sendo um mistério para eles.

“Eles”, por sua vez, refere-se àqueles que não O conheceram tão intimamente como os discípulos e os apóstolos. “Eles” são, possivelmente, os espectadores, aqueles que tinham visto os milagres e talvez escutado as parábolas. “Eles” são a multidão que vai e vem. A multidão que se juntou para o “Sermão da Montanha”, a multidão que O seguia para locais ermos para ouvi-lo falar, a multidão que foi miraculosamente alimentada, mas também disse “esta linguagem é intolerável” e não mais O seguiu, e, finalmente, a multidão que O aclamou em Jerusalém e se virou contra Ele e gritou pelo Seu sangue e O escarneceu na Cruz.

Portanto, “Eles” são aqueles que flutuam conforme as circunstâncias – seguem Cristo quando é conveniente fazê-lo, fogem quando se exige um compromisso. A sua resposta à pergunta “Quem dizem eles que eu sou?” é que Ele é como um dos antigos profetas. A resposta da multidão, contudo, era variada: era um dos antigos profetas, um deles que tinha voltado, ou, ainda, um profeta que havia voltado à vida. Faltava a estas respostas profundidade e, por fim, faltava a fé num Cristo personificado e Salvador de todos. Estariam eles esperançosos de que o passado voltasse, ou negando a realidade do

presente, ou incapazes de se abrirem ao futuro? Hoje a multidão é muito diferente.

Para o trabalho que fizemos, dividimos as pessoas em dois grupos básicos: os que vêm das maiores religiões não-cristãs do mundo e, depois, os que tiveram alguma experiência do cristianismo.

Muitas pessoas há hoje, no mundo, que não têm as oportunidades que teve o povo do Evangelho, ou que os cristãos têm, hoje, de encontrar Cristo, de ouvir a Sua sabedoria e de fazer a experiência da Sua compaixão e do Seu amor. Contudo, neste mundo pluralista e em constante mudança, muitos muçulmanos, judeus, hindus, budistas, xintoístas, animistas, agnósticos e ateus ouviram dizer alguma coisa acerca de Jesus Cristo e formaram opiniões ou ensinamentos acerca dele a partir das suas próprias perspectivas.

Há também muitos que, como a multidão nas Escrituras, seguiram Cristo de uma forma ou de outra, mas não acreditam, ou já não acreditam, nele. Há pessoas que ouviram falar de Cristo ou foram testemunhas da fé, da compaixão, do amor de cristãos, mas não reconhecem Cristo. Há os que foram batizados, mas não professam a fé. Há aqueles que foram batizados e catequizados, mas não aceitaram Cristo como o Salvador. Há aqueles que viveram uma vida cristã, mas se tornaram indiferentes ou mesmo hostis à fé cristã. Há aqueles que pareceram abraçar o cristianismo quando as coisas estavam bem, mas o abandonaram quando os cuidados do mundo e outras solicitações lhes apareceram no caminho. Outros falarão de Cristo como de um profeta, um homem santo ou um modelo para os outros, mas o seu ensinamento vai longe demais para eles. Dirão que há uma força que guia a Criação, um poder superior, mas não reconhecem um Deus personificado.

A quem fazer esta pergunta no mundo de hoje?

Devido ao desejo das Equipes de aprender a linguagem dos jovens, interrogamos um jovem, na casa dos vinte anos, que tinha passado 13 anos em escolas católicas e 5 anos na uni-

versidade. Começou por explicar que a sua educação lhe ensinara a procurar toda a informação que pudesse sobre um assunto e só então tomar uma decisão. Ainda está à procura. Ele não acredita em tudo que aprendeu. Ele crê num ser superior e sente uma necessidade substancial de desenvolver a sua própria espiritualidade, mas acha que é difícil dentro da estrutura da Igreja. Ele vê inconsistências entre os ensinamentos da Igreja e o comportamento da Igreja, a maneira como os seus representantes e membros vivem a sua crença. Ele sente que a mensagem de Cristo “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” se encontra mais no grupo dos seus iguais, embora muitos sejam cristãos marginais ou não praticantes. Talvez seja essa a razão pela qual ele não queira, neste estágio idealista da sua vida, fazer parte da Igreja da qual recebeu a educação religiosa. Ele continua a procurar Cristo e a Sua mensagem em outros lugares.

Para levar o assunto além do nosso sistema de crença, decidimos procurar nos três grupos principais, cujas origens provêm da mesma fonte, que são as tradições cristã, muçulmana e judaica. Visando um contraste maior, finalmente analisamos a tradição budista.

Interrogamos uma vizinha nascida e educada na tradição metodista. Ela estendeu o seu conhecimento a outras confissões quando a Igreja Metodista se juntou à Igreja Presbiteriana e à Igreja Congregacional para formarem a Igreja Unida da Austrália.

Parece-nos que ela chegou a uma visão de Jesus que reflete muito o mundo em que ela vive, o que é contrabalançado por um conhecimento bíblico bastante profundo. Ela não tem dúvidas de que Jesus é o Filho de Deus. Apesar de acreditar na Trindade, não demonstra qualquer interesse no relacionamento entre as Três Pessoas. A Imaculada Conceição da Abençoada Virgem Maria não faz parte da sua crença pessoal, nem a presença real de Cristo na Eucaristia. Ela fica imaginando como seria o relacionamento de Jesus com os seus pais, o papel que eles desempenharam no seu desenvolvimento e a responsabilidade que isso envolveu.

A ressurreição de Cristo é muito importante para ela, “porque sem isso nós não somos salvos. Ele veio para morrer e ressuscitar”. Ela, muitas vezes, se pergunta como Jesus teria enfrentado o fato de saber que morreria com a idade de 33 anos, como isso pode ter afetado a forma como viveu. Ela teria gostado que Ele tivesse uma família, mas sente que Ele não podia esperar que uma família suportasse os últimos três anos da Sua vida.

Ela também se questiona quanto ao papel de Judas, vê o seu desempenho na traição de Jesus como o ponto de partida para o seu sofrimento, sua morte e ressurreição. Com um marido com uma doença em fase terminal, estas questões são, neste momento, muito importantes para ela.

Um amigo muçulmano explicou que a tradição islâmica, como as tradições judaica e cristã, remonta à criação do mundo e à criação de Adão e Eva por Alá. Abraão é reconhecido como o pai da fé. O Alcorão é o cume de todos o Livros anteriores, inclusive o Novo e o Velho Testamentos (as Escrituras hebraicas e cristãs), e a contribuição de Maomé crê-se ter sido revelada pelo Anjo Gabriel. É considerado como o livro mais importante porque contém todas as verdades dos livros precedentes. Maomé é visto como um profeta, como Cristo, e a sua importância vem de ter sido o último dos profetas, nascido em 576 DC.

Os muçulmanos acreditam que Cristo foi apenas um de uma longa linhagem de 124.000 profetas, que a sua mensagem é semelhante à de todos os profetas, e negam a sua divindade. O seu conhecimento da vida de Cristo difere do nosso em alguns aspectos. O Alcorão diz que a mãe de Maria, tendo dado à luz muito tarde e sendo uma mulher santa, dedicou a sua filha a Deus. Quando os anjos visitaram Maria, falaram de Jesus, o Messias, que desde o seu berço se dirigiria à humanidade. Foi ele que em Belém falou aos três magos. Jesus também faria milagres. Quando Jesus necessitou de gente para ajudá-lo, os discípulos concordaram: “Nós seremos os ajudantes de Alá”.

O Alcorão rejeita o conceito da Trindade e rejeita também a crucificação de Jesus, embora confirme a ascensão. “O homem que eles crucificaram apenas se parecia com Jesus, ele foi levado diretamente para Alá”. Desta forma Deus salvou-o do sofrimento. Eles acreditam também que Cristo voltará no último dia.

A tradição judaica também começa com Deus criando o mundo. A fim de entender o ponto de vista dos judeus, passamos um dia investigando muitos aspectos da nacionalidade judaica e como eles vivem hoje. O povo judeu e a sua fé descendem de Abraão e do seu filho Isaac. Deus prometeu a Abraão “uma terra onde correm o leite e o mel”. Embora através do que conhecemos da História eles nunca tivessem sido os únicos proprietários da terra que habitam, ela permanece crucial para a sua compreensão de si mesmos. Para muitos deles, o verdadeiro Israel não pode existir até que seja fundado pelo Messias.

Perguntamos a um Rabino “Quem diz o povo judeu que foi Jesus?”. Ele respondeu que Jesus era reconhecido na sua tradição; contudo o nosso ponto de divergência reside em que eles O vêem como um homem bom, um profeta, um dos muitos naquele tempo. Embora o povo judeu tenha o forte sentimento de ser um povo, formaram-se comunidades diferentes. Nos princípios do século XIX, alguns membros quiseram atualizar a tradição e resultou o Movimento da Reforma. O Movimento Ortodoxo-Judaico mantém-se fiel às práticas que eram comuns no tempo de Jesus. O estudo e a compreensão dos 613 preceitos da Torá são essenciais para a santidade.

Para ter alguma perspectiva da visão dos budistas, falamos com outra vizinha que, com o seu marido, é chefe no templo budista local. Eles viajam freqüentemente para o exterior para estudar com os melhores mestres nos templos. Em casa, eles se vêem como seguidores, irmãos e irmãs dos membros do templo e representantes do grupo. Ela tem conhecimento da Bíblia porque freqüentou uma escola cristã durante alguns anos. A sua tradição não registra a Criação.

Ela acredita que Cristo foi um grande mestre e filósofo para o povo que viveu em torno do Mediterrâneo. Ele foi como Buda (563 AC) na Índia e Confúcio (551 AC) na China. Era necessário que esses “líderes” estivessem em várias partes do mundo, porque as suas diversas partes estavam isoladas. Todos esses homens eram representantes de Deus. Há um só Deus para todos os homens, mas os homens O vêem de formas diferentes e O encontram através de diferentes mestres. Os filósofos ensinam-nos a olhar para a energia interior. Todos nós temos uma cruz que se encontra dentro de nós. Precisamos aprender a reconhecer a nossa própria verdade. Buda disse: “Não a encontrarás fora de ti, deve vir de dentro”.

Ela acredita que, na meia idade, é nossa obrigação encontrar essa disciplina. Com paz interior e energia precisamos construir a harmonia e estendê-la às nossas famílias, à nossa comunidade, à nossa nação e ao mundo. Quando não procuramos esta verdade interior, mas o poder e a fama, o mundo acaba prejudicado. Não se encontram respostas na guerra e na dominação. O mundo necessita de dirigentes como Cristo, que compreendam o poder da harmonia.

O Evangelho de Marcos coloca a dupla pergunta de Jesus: “Quem dizem eles que eu sou?” e “quem dizeis vós que eu sou?” pouco antes do anúncio da Sua paixão, morte e ressurreição. (Mc 8,31) e do relato da Transfiguração (Mc 9,2). A resposta à dupla pergunta reside nas cenas que seguem. Jesus Cristo só pode ser entendido em função da Sua morte, e do que O levou a tal morte, e do significado da sua ressurreição e subsequente glória.

“Quem dizem eles que eu sou?”

As pessoas de hoje devem poder fazer a experiência do Cristo por inteiro: a sua encarnação, seu nascimento, sua vida, seus ensinamentos, seu sofrimento, sua morte, ressurreição e glória. Antes que a pergunta possa verdadeiramente ser feita, elas de-

vem estar, como Pedro, abertas ao dom da fé pelo Pai do céu.

Como podem estas oportunidades serem vividas pelas pessoas de hoje? Como se pode compreender a fé como dom do Pai e ação do Espírito Santo?

Agradecimento

Agradecemos a contribuição de Fr Andrew Fewings, Conselheiro Espiritual da Super-Região Oceania, assim como a das pessoas de outras confissões que contribuíram com a sua experiência de fé.

Anexo 3

JOÃO BATISTA, PARA UNS ELIAS, OU PARA OUTROS UM PROFETA

José e Maria Berta Moura-Soares

SR Portugal

Introdução

Convidamo-vos a fazermos juntos este itinerário de esperança que nos levará a um encontro mais profundo com Cristo Jesus, nosso Deus e Senhor das nossas vidas.

Não vimos aqui recordar um passado, mas celebrar o eterno encontro de Deus com o Homem porque sabemos que quem se cruza com Ele reacende a esperança e encontra o sentido e a exigência da vida.

Interessa, por isso, perceber o que pensa esta multidão imensa que sabe que Jesus existiu. Muitos até se dizem dele, mas não O seguem nem O celebram regularmente como presente das suas vidas. Consideram Jesus como a continuação do passado e não conseguem descobrir nele a novidade, a originalidade e a salvação.

1. Em Cesaréia

Em Cesaréia de Filipe, assistimos a um dos diálogos mais intensos e mais íntimos entre Jesus e os discípulos. Cesaréia torna-se momento único na estrutura dos Evangelhos por ser, simultaneamente, ponto de chegada duma experiência com Jesus, e ponto de partida para o aprofundamento dessa mesma experiência. É aí que Ele pergunta quem é e os discípulos respondem: *“João Batista, para uns Elias, ou para outros um profeta”*.¹

Associam Jesus às grandes personagens que devem preceder à vinda do Messias. É isso que Ele é para o povo: *um precursor*, nada mais. O verdadeiro Messias deverá ainda vir.

Esta era e é uma tentação permanente também para aqueles que reconhecem em Jesus o grande mestre que pregou o amor, a fraternidade, a paz e a justiça. E que se sentem já fascinados por Ele. É uma personalidade deslumbrante, o profeta dos pobres, um revolucionário do amor e da justiça, mas identificam-no ainda como um messias triunfalista que vinha e que vem para libertar o povo.

Jesus não é nada disso e quer ir mais longe. Por isso provoca o diálogo, lança a pergunta, pergunta que vai exigir uma resposta muito pessoal sobre Aquele que têm diante dos seus olhos.

2. No mundo de hoje

O interesse por Jesus está para além da Igreja institucional. Hoje, num ambiente aberto, Cristo, no dizer de alguns teólogos, tornou-se um "*patrimônio comum*". Mas por que ainda hoje nos interessamos por Cristo? Quem é Jesus para os homens que vivem ombro a ombro conosco?

Há uma articulação entre os anseios do homem e a questão de Jesus. No fundo, o mistério do sofrimento e a procura de felicidade são ainda uma realidade bem visível. Hoje a capacidade que o homem tem de superar o absurdo, leva-o a definir certos ideais, a projetar neles o sentido da sua existência e a apelar para figuras que o ajudam a ultrapassar os limites. Uma dessas figuras é Jesus Cristo, porque viveu uma situação histórica como a nossa e, por isso, pode fascinar e alicerçar uma decisão.

A pergunta de Jesus repete-se ao longo da história e in-

1. Mc 8, 28.

terpela homens e mulheres de todos os tempos e a resposta resulta da aproximação a Cristo.

Em vida, Jesus apareceu como sinal de contradição e pedra de escândalo. A sua pessoa e o prolongamento da sua missão na Igreja suscitaram sempre aceitação ou recusa, perseguição ou seguimento, até ao testemunho incondicional de vida. Praticamente ninguém que O tenha conhecido fica indiferente a Ele, porque seduz e atrai.

Tal como ontem, também os homens de hoje têm a sua opinião sobre Jesus.

E continuam a dar a mesma resposta de há dois mil anos reduzindo Jesus ao reconhecimento como modelo do gênero humano, como um grande profeta ou, na melhor das hipóteses, uma das vias de acesso a Deus.

Poucos dizem a verdade pessoal que levam dentro de si; e só alguns confessam abertamente a sua fé em Cristo como Filho de Deus e Salvador do Homem, como quem dá sentido à sua vida, ao seu amor e à sua esperança.

Se há, por um lado, um interesse pela figura de Jesus, sabemos, contudo, que é crescente a tentativa de construir um mundo sem Deus e sem Cristo, tomando o homem como o centro absoluto de toda a vida, e vivendo este como se Deus não existisse. Assiste-se a claros sinais de perda da esperança, traduzidos através de formas preocupantes de uma “*cultura de morte*”, que se manifestam de múltiplas e variadas formas, mas, em especial, no medo em relação ao futuro, no vazio interior e na perda do significado da vida. Sentimo-lo nas graves crises familiares e no esmorecimento do próprio conceito de família, onde assistimos à dramática diminuição da natalidade, à queda das vocações, à recusa de tomar decisões definitivas na vida, inclusive no matrimônio, ao aumento da solidão, à instabilidade das relações afetivas, à perversão do coração².

2. JOÃO PAULO II, *Ecclesia In Europa*, 7-8.

3. Falsos profetas

Em cada dia e a cada hora, chega até nós a voz do Senhor, por meio de pedidos que nos fazem, desafios que enfrentamos, gritos de famílias em sofrimento, que exigem de nós uma decisão imediata.

Não é possível viver sem esperança. Sem ela, a vida perderia todo o seu sentido e seria insuportável³.

A este desejo, procura-se dar respostas, muitas das vezes efêmeras e frágeis. Assim surgem os falsos profetas do mundo contemporâneo, que influenciam hoje o nosso pensamento: os políticos que representam as nações fortes e poderosas; os generais que comandam os grandes exércitos; os proprietários das multinacionais que gerenciam capitais imensos e condicionam a vida do mundo; as estrelas do mundo da música, do cinema e da moda que proclamam a vitória do imediatismo; os detentores de riquezas que exaltam o “*ter*” em relação ao “*ser*”.

Negando Deus, estes falsos profetas fazem identificar a esperança “*com o paraíso prometido pela ciência e a técnica, com as mais variadas formas de messianismo, com a felicidade de natureza hedonista oferecida pelo consumismo, com a busca de formas esotéricas de espiritualidade*”⁴.

Tudo isto se revela profundamente ilusório e incapaz de satisfazer a sede de felicidade que o coração do homem continua a sentir em si mesmo.

O reconhecimento do “Filho do Homem” não pode acontecer num ambiente em que se vive exclusivamente de fora para dentro, pois exige uma dimensão espiritual. A abertura a essa dimensão espiritual é paradoxal nos nossos dias, porque é, ao mesmo tempo, fraca e forte. Por um lado, os homens fecham-se à transcendência, satisfeitos com o seu quotidiano, com as suas necessidades, prazeres e certezas. No

3. *Ibidem*, 10.

4. João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, 10

entanto, quando são confrontados com os seus limites na forma da doença, da desilusão afetiva, da morte..., a sua segurança vacila e surgem os sinais mais ou menos visíveis de um apelo a algo que o supera, a uma Transcendência mais ou menos difusa.

4. Denúncia profética

Ninguém pode viver sem perspectivas de futuro e a Igreja tem para oferecer ao homem o bem mais precioso que ninguém mais pode dar: a fé em Jesus Cristo, fonte de esperança que jamais desilude. Só nele se encontra a salvação⁵.

Nesta reflexão, descobrimos a Igreja constituída como uma comunidade de profetas, cuja profecia se associa à sua missão de anúncio da Boa Nova com duas preocupações constantes: a denúncia dos tempos de crise que vivemos e o testemunho dos valores em que se acredita e se propõe como estilo de vida.

Assim, a Igreja assume, pela missão que lhe foi confiada, a tarefa da denúncia profética dos falsos caminhos que desvirtuam a esperança.

Neste contexto, a família cristã, na sua fidelidade, assume também a qualidade de denúncia profética e de verdadeiro testemunho: é sinal de um mundo novo, traçando na sociedade um rastro de luz, semente da esperança. Só a família, concebida como comunhão de amor e de vida, humaniza a sociedade. Dela irradia o carácter sagrado da vida, a dignidade do homem e da mulher, iguais e diferentes. A fidelidade no seio da comunidade familiar é fonte de generosidade e de honestidade, no seio da sociedade. Famílias felizes são semente de uma sociedade diferente⁶.

5. Cf. Act 4, 12; JOÃO PAULO II, *Ecclesia In Europa*, 11.18.

6. Cf. JOSÉ POLICARPO, *Conferência do Cardeal Patriarca de Lisboa a 12 de Outubro de 2002*, Lisboa.

5. Testemunho

A necessidade e a urgência do testemunho é uma condição inerente a todo cristão, que lhe advém pelo Batismo e pela sua adesão a Cristo. Mas é, ao mesmo tempo, uma exigência do mundo de hoje. A nossa época tem grande dificuldade em confrontar-se com a profecia, sobretudo quando se limita ao domínio das idéias, das utopias. A sociedade atual é pouco sensível a teorias, exige demonstrações práticas por um testemunho coerente; exige-se que se saiba dar, mais pela vida do que pelas palavras, as razões da sua esperança.

Cristo torna-se visível na pessoa daqueles que encarnam valores que respondem às expectativas dos homens de hoje e vivem com alegria as Bem-Aventuranças. Eles anunciam Jesus sem alarde nem barulho, pelo seu testemunho sereno e alegre.

Entre muitos, não podemos deixar de citar alguns profetas do nosso tempo que edificaram a sociedade pelo seu testemunho: João XXIII, mostrando ao mundo a caridade no acolhimento universal, a humildade na alegria; Madre Teresa, servindo os mais pobres de todos com total dedicação; Padre Caffarel, que soube levar milhares de casais a descobrir que Cristo caminha com eles no dia-a-dia do seu casamento e que foi, como lhe chamou o Cardeal Lustiger, *“um profeta do nosso tempo”*.

Ao anunciar esta realidade, os cristãos, profetas para o seu tempo, apresentam uma nova escala de valores e maiores aspirações e anunciam novos tempos com a alegria da sua esperança, mostrando que ela é possível.

Este é o convite que a Igreja nos faz hoje e sempre. Partamos, então, como verdadeiros profetas, anunciando a Boa nova da salvação, esperando que o Senhor estimule os nossos passos neste difícil empreendimento e que o fortaleça com êxito crescente.

Interpelemos as pessoas com quem nos cruzamos na azáfama do dia-a-dia; sejamos fermento novo no mundo onde se luta e sofre; tornemo-nos luz para os que ainda esperam e sonham; levemos a esperança junto daqueles que são proclamados bem-aventurados⁷.

Da mesma forma, pelo seu testemunho, os casais cristãos tornam Deus presente no mundo atual, quando vivem em plenitude o amor conjugal. “O matrimônio, que foi elevado à dignidade de Sacramento, é por sua natureza sinal da Aliança e da comunhão entre Deus e o homem, entre Cristo e a Igreja. Por conseguinte, durante toda a vida, os esposos cristãos recebem a missão de manifestar, de modo visível, a aliança indefectível de Deus com o mundo”⁸.

Por isso, a fé cristã apresenta o matrimônio como uma Boa Nova, surgindo daí a missão da família. Esta Igreja doméstica lança-se, então, rumo ao futuro, disposta a superar as frases enganadoras do racionalismo que desorientam o homem moderno. Percebendo a realidade e atuando sobre ela, em aliança com Cristo, anunciamos a fidelidade do nosso amor, assumindo a qualidade de denúncia profética, semente de esperança para um mundo novo.

6. Cristo, Fonte de Esperança

É o Senhor que nos convida. Testemunhemos sem medo, dinamizados pelo Espírito, fortalecidos pela oração, levando conosco Nossa Senhora.

Maria repetir-nos-á incansavelmente: “*Fazei tudo que Ele vos disser*”⁹. Aprendamos com ela a estar atentos e disponíveis à ação do Espírito de Deus.

Como Maria, somos convidados, na fidelidade ao espírito profético do nosso Movimento, a nos abrir ao Espírito para conhecermos o verdadeiro rosto de Cristo e para que saibamos, com fidelidade e um novo ardor, ensinar aos homens do nosso tempo a reconhecer Jesus.

7. Cf. Mt 5, 1-12.

8. JOÃO PAULO II, *Discurso aos Responsáveis Regionais das ENS*, 20 de Janeiro de 2003, Vaticano.

9. Jo 2,5.

Por revelação do Espírito Santo, confessamos hoje que, para nós, Jesus é muito mais que “*João Batista, Elias ou outro profeta*”. Ele é o “*Cristo*”, o nosso Deus, a nossa esperança, a única fonte capaz de saciar a nossa sede de infinito e fome de esperança, o único Salvador, ontem, hoje e por toda a eternidade.

Sabemos que responder-lhe será comprometermo-nos, implica dar-lhe a conhecer os valores que agitam os nossos corações, não dando ao tempo o lugar que ele não tem. Temos de viver a vida como se fosse o espaço de que precisamos para fazer o que ELE nos pede. Nós já percebemos e sentimos que é breve o tempo e curta a vida para querer fazer dela outra coisa que não seja a Sua Vontade e que será a Sua Glória e a nossa Salvação.

Quantas vezes nos chamas e não percebemos que és Tu. Por que esta dificuldade em ouvir-Te e este esforço para Te conhecer?

Se entre Tu, que és quem és, e nós, que Te queremos tanto, há tanta dificuldade em ouvir e perceber, como poderão os outros conhecer-Te e amar-Te...?

Anexo 4

“TU ÉS O CRISTO”

Colette e Marin Voisin
SR França-Suíça-Luxemburgo

Continuando em S. Marcos:

À pergunta de Jesus: “Quem sou eu?”, Pedro responde: “Tu és o Cristo”.

Discípulos de Jesus como Pedro, ousamos dizer “*Tu és o Cristo*”, o Messias, aquele que tantos esperaram ao longo da história da Bíblia.

É a cada um de nós que, hoje, Jesus interroga: a mim, a ti e a nós, casais que almejamos segui-lo.

Por que, dois mil anos depois, homens e mulheres - Colette e Marin, em particular - se sentem seguros ao afirmar: “*Tu és o Messias*”? Qual o sentido que damos a esta afirmação?

I. Que importância tem para nós a Pessoa de Jesus a quem chamamos de Cristo?

Para caminhar, para aprender a ler a Bíblia e a dar um sentido a tantos acontecimentos, foi-nos necessária a Igreja. A Igreja, como instituição, permite-nos chegar a isso, mas também o povo de Deus, isto é, todos os encontros, as trocas de experiências, as leituras feitas, abriram-nos pouco a pouco para uma fé pessoal. Não é uma palavra fácil essa de reconhecer Jesus como o Messias. A leitura da Bíblia evoca, a cada página, o nome de Deus, e quanto mais avanço em anos menos ousou pronunciar o Seu nome porque:

- não tenho noção do que digo
- posso apenas balbuciar-lo.

Nenhum outro texto melhor do que o da sarça ardente me

dá a idéia desse Ser que é Deus e da possível atitude do homem:
“*Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos pés.*” Ex 3,5

Olha, escuta, guarda silêncio.

Jesus veio. Um homem entre os homens. Ele tem um rosto, uma família, uma profissão, amigos, inimigos. É judeu, numa determinada época.

Mas não só isso.

Então quem é Jesus?

Ele reza.

Fala com Deus, chama-O de Pai.

Não rejeita e não julga ninguém.

Acolhe todos aqueles que dele se aproximam.

Escuta.

Não tem onde repousar a cabeça.

Escolhe e chama, não os justos, mas os pecadores.

Chora.

É cheio de solicitude para com os homens.

Ninguém se lhe compara.

- Fala com autoridade.

As multidões procuram-no, aclamam-no, seguem-no.

Os pequenos, os sem qualificação, os obscuros, as crianças, os banidos, os proscritos O reconhecem.

Mt 7, 29 : “*Porque Ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas*”.

Mc 1,22 : “*E todos se maravilhavam com a sua doutrina, porque ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas*”.

- **É um homem livre**, ninguém o pode prender. Nem a sua família, nem os seus discípulos, nem os fariseus, nem os saduceus, nem os zelotas...

Livre para responder à Lei, ao Templo, ao sábado.

Livre para responder às mulheres, às crianças, aos proscritos.

- **A sua vida segue perfeitamente o seu discurso**, até mesmo ao extremo limite.

Nem os escribas, nem os fariseus, nem a autoridade romana o encontram em erro.

Pedro é de alguma forma o nosso irmão.

Ele reconhece em Jesus o Messias, o abençoado de Deus, o Senhor da sua vida.

Contudo, não compreende a vocação de Jesus, renega-o, afunda no mar porque duvida, não compreende o que significa ressuscitar. Mas não é o único.

Maria e José tampouco compreenderam: *“Mas eles não compreenderam as palavras que Ele lhes disse”* (Lc 2,50).

Como os discípulos: *“não tinham compreendido o milagre dos pães. Os seus corações estavam insensíveis”* (Mc 6,52).

Desejaria muito que a minha vida se parecesse cada vez mais com a de Jesus. Mas nada nem ninguém se Lhe pode comparar. É por isso que Ele é o Senhor da minha vida.

Na minha vida de equipista de Nossa Senhora, existe um enorme risco. É o de pensar: porque fiz uma oração, uma oração familiar, conjugal, tenho uma regra de vida, porque fiz o Dever de Sentar-se, um retiro... imagino-me melhor que os outros. *“Meu Deus, dou-Te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros...”* (Lc 18, 10-11). Cristo pede-me muito mais do que cumprir ritos. Pede-me para viver do Espírito.

Tenho necessidade de repetir a mim mesmo o tempo todo: Viver do Espírito, a vida espiritual, é *“Escutar a Palavra de Deus e pô-la em prática”* (Lc 8,21).

É preciso tempo e é preciso o Espírito de Jesus para que o Senhor cresça em mim. É suficiente uma vida? Não. Mas, Senhor, quando saberei de que estou falando? Provavelmente nunca. Na realidade, pouco importa. O essencial é que Jesus exista, que haja outros que também acreditem nele e façam dele o Senhor da sua vida, e que juntos, graças a uns e outros, em Igreja, estejamos caminhando com Ele.

Permanecemos pessoas à procura de Deus. Só Jesus conhece a Deus. Quanto mais olho para Cristo, mais Ele, o abençoado de Deus, o Messias, o Seu Filho tão amado, pode penetrar na minha vida.

Sou discípulo de Jesus. Ele é Senhor e Mestre: o Caminho, a Verdade e a Vida.

Confio nele, mesmo quando não compreendo, principalmente quando não compreendo. Mas até isso é um caminho. Precisei de tempo para confiar totalmente. Sempre procurei muito compreender e continuo a fazê-lo. Ao mesmo tempo, Ele é Senhor da minha vida exatamente porque muitas coisas estão além da minha compreensão: o mistério da grandeza, da profundidade, da Verdade e da Vida.

Não sou teólogo, nem exegeta, posso apenas contar-lhes a minha experiência de hoje, que é mais rica que a de ontem e, sem dúvida, menos que a de amanhã. Descobri e descubro um pouco mais a Cristo todos os dias.

Descobrimo Cristo, descubro o Pai: *“Ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós Me conhecêsseis, também conheceríeis Meu Pai... Quem me vê, vê o Pai.”* (Jo 14,6-9).

Escolhi ser conduzido ao Pai por Cristo.

Cristo? Primeiro foi uma atração, que se tornou uma escolha de vida, e espero que o seja para toda a vida. Ele dá sentido à minha vida e vai se tornando, de ano para ano, insubstituível. Gosto da frase de Varillon: Cristo revelou-me quem é o Homem e quem é Deus.

Pouco a pouco, Cristo vai se tornando o centro da minha vida.

Como diz S. Paulo aos Coríntios: *“O meu modelo é Cristo”*. (1 Cor 11,1)

Ou ainda, como no Cântico dos Cânticos: *“Procuro aquele que meu coração ama...encontrei aquele que meu coração ama, agarrei-me a ele e não mais o deixarei”*.

A afirmação de Cristo no Evangelho de S. João, dia após dia vai adquirindo todo o seu sentido, como dizia Colette há pouco: **“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”** (Jo 14).

Mas o mais difícil permanece: amar como Cristo ama
“*Andai de maneira digna da vocação a que fostes chamados*”
recomenda-nos S. Paulo no capítulo 4 da sua Carta aos Efésios.

O Padre J. Guillet falando dos apóstolos dizia: “Serão lentos a crer, rápidos a deturpar, pesados a carregar”. Assim como eu.

No decorrer do meu último Retiro, descobri estas palavras no Evangelho de S. João: “*Fixando o olhar em Cristo...*” (Jo 1,36). O Evangelista fala de João Batista. Fixar o olhar em Cristo não é somente olhar para Ele, observá-lo. É querer assemelhar-se a Ele cada vez mais. Temos mil ocasiões, ao longo do dia, de “fixar o olhar em Cristo”: a leitura da Palavra, sem dúvida a Eucaristia, o tempo de oração, os tempos de encontro com os outros etc...

O Padre Charles de Foucauld dizia: “Acabamos por parecer-nos com aquele para quem olhamos”.

II. Quem é Cristo na nossa vida de casal?

É difícil explicar estes 40 anos de caminhada sem projetar sobre os nossos primeiros tempos de casados aquilo que hoje vivemos.

O que nos parece agora quase certo é que a nossa vida em comum não teria sido o que foi se a tivéssemos vivido sem Cristo.

Por quê?

Sacramento do matrimônio

Porque, sem recorrer sempre a palavras como Aliança ou Sacramento do matrimônio, nós sempre pensamos, desde o início, que Deus tinha um lugar na nossa história.

O SIM que demos um ao outro foi um SIM dado também a Deus, sem sabermos onde isso nos iria levar.

O amor que sentíamos, o desejo que tínhamos de unir as nossas vidas ultrapassava nosso simples encontro. No entanto, as motivações eram diferentes. Para Marin o matrimônio era evidente, para Colette a visão era tão idílica que parecia irrealizável.

Embora com abordagens da fé muito diferentes, encontramos, em certa medida, as almas gêmeas do nosso coração, o que já era uma forma de comunhão.

A nossa vocação: fazer o outro feliz

Deus concedeu-nos um presente: o outro, que é o meu próximo mais próximo, a minha prioridade. Deus confiou-me a minha mulher, o meu marido. Os acontecimentos, os anos encaregam-se de nos fazer descobrir que o amor verdadeiro é muito, muito difícil (até mesmo impossível?) Só Cristo pode nos transformar. Aos pouquinhos, o Espírito pode conduzir-nos onde temos tanta dificuldade em chegar.

Apesar das nossas resistências, das nossas asperezas, das nossas fraquezas, é Ele que nos reúne, nos leva ao perdão e nos concede a sua paz.

A missão do casal

Cada casal faz a sua própria escolha de vida. O casal Colette e Marin não se assemelha a nenhum dos que aqui se encontram, e vice-versa. Cada casal é único e isso é maravilhoso. Temos, cada um de nós, a nossa missão própria, embora todos nós sejamos membros das ENS, engajados no Movimento etc...

Temos de procurar sem cessar descobrir para que realmente fomos feitos.

Temos, sempre, de progredir na união e na comunhão, tentar compreender as atitudes, as palavras, os gestos do outro e ao mesmo tempo respeitar e até mesmo cultivar as nossas diferenças. Querer ser um e permanecer dois.

Comungar do que é o outro e deixá-lo crescer na sua vocação pessoal: participar da construção do outro.

Isto é verdadeiro no plano humano e também no plano da fé. Tenho necessidade da fé do outro, tão diferente da minha.

A confiança que tenho no outro, em todos os planos, cresce pouco a pouco e nunca termina.

Gosto de pensar que, se Deus é mistério, imensidade na qual me perco, o outro também permanecerá de certa forma um

mistério, mesmo que ele ou ela sejam quem melhor conheço.

Graças à oração, graças ao encontro com Jesus, parece-me que amo, que escuto um pouco mais o meu marido, a minha mulher.

Nas decisões, nas afirmações e negações, grandes ou pequenas, Ele tem dado dimensão e densidade à nossa vida.

Deus confiou-me a minha mulher, o meu marido.

É Ele que nos impele, em primeiro lugar, e nos ensina, cada dia, a nos ultrapassar, a ir sempre adiante.

É Ele que nos salva dos nossos cálculos, das nossas reservas. Ele nos leva a uma renovação constante e a não nos acomodarmos.

A todos nós, que tão próximos estamos uns dos outros como “equipistas de Nossa Senhora”, e, ao mesmo tempo, tão distantes por irmos de culturas e países diferentes, talvez seja mais apropriado ainda dizer: É o Evangelho que nos reúne, é Cristo que nos une.

Jesus Cristo, que “*trazemos em nós como um tesouro em vasos de barro*” (2 Cor 4,7).

Jesus Cristo, Senhor e tesouro das nossas vidas.

Anexo 5

“E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?”

Silvia e Francisco de Assis Pontes
SR Brasil

Texto-base: Marcos 8, 27-29
Lucas 9, 18
Mateus 16,13

I. Introdução

Jesus faz uma pergunta direta e clara a seus discípulos, e essa pergunta permanece viva em suas cabeças, mas vai voltar ainda mais forte depois da sua morte-ressurreição. Era preciso afastar qualquer equívoco na maneira de os discípulos considerarem Jesus. “E vós? quem eu sou para vós?”

Ainda hoje, a resposta que cada discípulo possa dar será decisiva para se conferir a autenticidade da sua vida cristã.

II. O contexto dessa pergunta

Era o tempo em que Jesus devia anunciar a seus discípulos a sua paixão. Era chegada a hora suprema de sua missão.

Ele não viera ao mundo só para instruir seus discípulos, nem apenas para revelar-se a eles como o Messias, mas viera, sobretudo, para lhes abrir a porta que os conduziria à ressurreição, a uma vida nova.

Assim não bastaria aos discípulos terem Jesus como mestre, como modelo a ser seguido. Era preciso reconhecê-lo como o Messias prometido. Era preciso reconhecer Jesus como HO-MEM/DEUS, do qual dependemos totalmente, a fonte verdadeira de todo o nosso bem.

Era preciso, assim, que os discípulos se imbuíssem não só da crença, mas que eles tivessem a clara noção de que não haveria salvação se a morte não fosse vencida pela ressurreição de Jesus. Era necessário que se engajassem no compromisso dessa pessoa, que não hesita em ir até as últimas conseqüências de um amor sem fim.

III. Que morte temos de vencer hoje?

Se Jesus continua fazendo hoje essa mesma pergunta a todos nós, o que temos de aprender quanto à superação da morte? Como vencer a morte?

Só se começa a assumir a vitória sobre a morte quando Jesus mostra o caminho da cruz. É o próprio texto que nos diz: “O Filho do Homem deve sofrer e ser rejeitado pelas autoridades”.

Deveremos escolher entre SERMOS SERVIDOS ou SERVIR, entre TIRAR PROVEITO ou SACRIFICAR-NOS PELOS OUTROS, entre JUNTAR ou DIVIDIR.

Como CASAIS de um Movimento que nos propõe a vivência da espiritualidade conjugal, que nos ensina e ajuda a descobrir os reflexos do amor de Deus no amor entre um homem e uma mulher, atingem-nos duramente as situações de morte que afetam o casal, a instituição do casamento, o amor.

Todos estes valores, queridos por Deus, foram condenados à morte pela ideologia secular do mundo.

Num mundo que prega o individualismo e a competição, a união de esforços para um projeto comum de vida a dois parece apenas uma utopia. As diferenças do homem e da mulher, longe de ser um dom de complementaridade, parecem acentuar as barreiras para o encontro e a comunhão.

Os jovens são levados a descrer do matrimônio cristão. Preferem as uniões livres e descompromissadas. Aumentam assustadoramente as separações.

Ao amor se retiram todos os seus atributos: quase ninguém aceita falar em renúncia, abnegação, doação, gratuidade, fide-

lidade, compromisso, perdão ou cura. A filosofia do descartável garante aos usuários o direito de usar do amor apenas e enquanto o mesmo produza prazer ou gosto.

É todo este ambiente de morte que anseia por vida.

IV. Só a fé ou o amor?

(Gálatas 3, 7-8; João 21,15-17; João 6, 66-69)

“Quem quiser ser meu discípulo tome cada dia sua cruz”.

O simples fato de querer viver sem riscos distancia-nos do caminho de Jesus. Não há ressurreição nem vida sem passar antes pelo mesmo caminho da cruz.

Às vezes, somos tentados a ter fé em Jesus apenas para fazer dele o nosso refúgio, ter a garantia do nosso bem pessoal, e esquecemos que não basta a fé. Jesus prefere o Amor.

“Pedro, tu me amas?” Por três vezes a pergunta remói o coração daquele pescador rude. A tristeza que decorre da insistente pergunta transforma-se na certeza do amor sem limites e sem perguntas: “Tu sabes, Senhor, que eu te amo”.

E Jesus prossegue pedindo ainda mais: “cuida das minhas ovelhas”.

Jesus não tem nada a ver com aqueles que querem salvar a si próprios. Ele não tem nada a ver com aqueles que se preocupam apenas com “evitar os pecados” enquanto, ao mesmo tempo, continuam a perseguir suas próprias ambições, e procuram aproveitar-se ao máximo das benesses da vida.

V. Na fidelidade às exigências concretas do Evangelho

A palavra fidelidade está muito desgastada pelo mundo de hoje, que procura relativizar os valores evangélicos.

Nossa vida cristã freqüentemente é tentada a entrar nesse processo de relativização. Surge o perigo da incoerência entre a fé e a vida.

Abraçamos a fé em Jesus, mas estamos longe de manter a

fidelidade a sua pessoa. A quebra da fidelidade, na linguagem bíblica, equivale ao adultério. No Antigo Testamento, encontramos dezenas de situações em que o rompimento da aliança entre Deus e a humanidade é caracterizada como adultério. Nos evangelhos, vemos Jesus dirigir-se aos fariseus como geração adúltera, porque não se mantêm fiéis à vontade de Deus.

A verificação da autenticidade da vida cristã passa necessariamente pelo crivo da fidelidade. Não há como ser fiel em parte, assim como não há meia-mentira ou meia-verdade.

O problema está em aceitar Jesus por inteiro, aceitar sua Palavra por inteiro, em vez de tentar simplesmente acomodá-la a nossa vida, aos nossos interesses, ao nosso pensar.

Jesus é radical naquilo que é essencial. “Queres ganhar a vida? Então deixa-te morrer!” Queres me seguir? Então deixa tudo, pai, mãe, filhos, bens, convicções pessoais, modo de viver, e toma a tua cruz.

A inspiração do Espírito Santo sobre os nossos fundadores permitiu-lhes compreender que **a dimensão da caridade conjugal**, como forma de nos levar ao encontro de Deus e dos irmãos, está presente em toda a vida do Movimento.

O Guia das ENS insiste no fundamento de nossa Carta ao colocar como orientação de vida o desafio a crescer no amor de Deus, tarefa para toda a vida e, como consequência, progredir no amor do próximo.

Que o amor é o primeiro valor não podemos ter a menor dúvida. É a partir desta convicção que seremos capazes de assumir as situações de riscos, para morrer e ressuscitar com Jesus: falar pelos que não têm voz nem vez, anunciar a paz num mundo de guerras, ser solidário com os que estão à margem dos caminhos, defender a vida. Poderemos, como casais equipistas, limitar-nos às nossas aconchegantes reuniões espirituais, sem deixar que nossos corações sejam arrebatados pelo fogo do amor de Deus, que nos pede respostas aos desafios da vida e do mundo?

Somente o sacrifício de nós mesmos poderá ser plenamente eficaz para fazer florescer o amor no meio do mundo.

VI. Felizes os que compreenderem que a obra é de Deus!

Sim, feliz o casal que pode dar seu SIM a Jesus, porque isto não lhe foi revelado pela carne ou pelo sangue (descoberta humana), mas pelo próprio Pai que está nos céus. É este o grande presente de Deus ao casal humano: Deus coloca em seu amor a fecundidade e a santidade de Jesus.

Não se trata, portanto, de uma resposta que podemos dar por nós mesmos. Não poderemos penetrar o mistério do amor com recursos puramente humanos, pois tudo é dom e graça de Deus. Em primeiro lugar vem o dom de Deus, que se antecipa ao querer do homem. O esforço do homem virá como determinante secundária, enquanto for capaz de afastar os empecilhos.

VII. E vós, quem dizeis que eu sou?

É bem verdade que Jesus já não está historicamente presente para nos fazer essa pergunta, e assim não poderemos ouvi-la de sua própria boca.

Mas iremos necessariamente ouvi-la, de uma forma ou de outra, interpelados por outrem ou por Ele mesmo no silêncio do coração. Em alguma encruzilhada do nosso caminho em busca da santidade, a pergunta soará solene: E para você, casal, quem eu sou?

Depois de 2000 anos de cristianismo, a fé que nos foi transmitida e vivenciada por todos os que nos antecederam, o amor derramado pelo sangue dos mártires, o exemplo dos santos, tradição da Igreja e a experiência pessoal de cada um de nós, permitem-nos responder com a mesma convicção de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus”.

Mas como? Acaso não somos nós que pomos nossa segurança no ganho do trabalho, nos bens materiais acumulados? Onde está o nosso tesouro? Nos grandes supermercados ou lojas de departamentos, nos sonhos do consumo veloz e no atrativo de cada novidade inventada pela tecnologia?

Jesus espera que a nossa resposta a Ele seja a entrega da vida comprometida com Ele em tudo, na missão de transformar o mundo pelo exercício da verdade, pela prática da justiça e, sobretudo, pela partilha do amor.

VIII. A solidariedade de partilha e de comunhão

O Papa João Paulo II desafia os evangelizadores a construir uma espiritualidade de comunhão. E na tentativa de nos articularmos como Movimento dentro da nossa Igreja, é fundamental rever um dos aspectos da nossa mística: a entre-ajuda fraterna dentro e fora do Movimento.

Podemos ver um imenso campo de possibilidades concretas para a atuação dos casais equipistas, a partir do simples desejo de querer estar ao lado dos que precisam de algum socorro.

Ao longo de sua história de quase 65 anos, o Movimento das Equipes acumulou um precioso e vasto patrimônio. Descortinou aos casais imensas possibilidades de encontrar a única resposta capaz de lhes garantir a busca da felicidade: o encontro do amor de Deus revelado por Jesus na vida conjugal. Este é o grande tesouro de que somos meros depositários. É um tesouro que precisa ser repartido, nesta oferta de prestação de auxílio-mútuo naquilo que temos de mais natural: o amor conjugal refletindo o amor da Trindade Santa.

É mais do que urgente levar esse caminho de felicidade aos casais jovens, cujo amor frágil é torpedeado pela mídia. Não só aos jovens nossos filhos, mas aos filhos de nossos amigos, aos filhos de tanta gente desconhecida, a todos que carregam na alma a procura por respostas para seus mais recônditos anseios de felicidade.

É urgente dar motivos de esperança a milhões de casais que não encontram o sentido de suas vidas, de casais que estão à margem do caminho.

Pe. Caffarel ensinava que a fome de Deus está na essência da própria pessoa humana, e como há dessa fome no mundo!

Fome que cada casal equipista pode ajudar a saciar pelo testemunho de vida atraente, alegre e feliz.

IX. Conclusão: Senhor, eu quero ver o Teu rosto.

“Jesus, não estivemos contigo nos caminhos da Samaria ou de Jerusalém. Não te ouvimos no templo ou nas sinagogas. Não navegamos contigo pelo mar da Galiléia. Nem nos sentamos na areia da praia para te ouvir pregar.

Não vimos a tua expressão enquanto olhavas para a jovem mulher que lavava teus pés com suas lágrimas, e os enxugava com os seus cabelos.

Não fomos testemunhas de tuas curas em favor do cego de Jericó ou do paralítico que clamou por tua piedade.

Queremos, no entanto, ver o teu rosto que revela o amor do Pai. Queremos ouvir-te falar do Reino de Deus, ensinando os humildes e pequenos, a lhes dizer que eles são os preferidos.

Mas não te vemos, nem te ouvimos, ó Senhor!

Mas sabemos que podemos ver-te no rosto dos que sofrem, dos que batem à nossa porta, dos que clamam por ajuda, dos que passam sozinhos pelos caminhos da vida”.

O Papa João Paulo II, em Novo Milênio Ineunte, nº 49, lembra-nos que “Se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-lo no rosto daqueles com quem ele mesmo quis identificar-se: ‘pois eu estava com fome e me deste de comer’... Mt 25, 35-46”.

“É só nestes rostos, Senhor, que podemos sentir o olhar do teu amor, a ternura de tua alma, o amor de Deus.

Ajuda-nos a ver o teu rosto, Senhor!”



NOVA
BANDEIRA
produções editoriais

R. Turiassu, 390 • 11º andar • cj 115
05005-000 • São Paulo
Fone/Fax (011) 3677.3388
www.novabandeira.com
novabandeira@novabandeira.com

Jesus faz uma pergunta direta e clara a seus discípulos, e essa pergunta permanece viva em suas cabeças, mas vai voltar ainda mais forte depois da sua morte-ressurreição. Era preciso afastar qualquer equívoco na maneira de os discípulos considerarem Jesus. “E vós? quem eu sou para vós?”

Ainda hoje, a resposta que cada discípulo possa dar será decisiva para se conferir a autenticidade da sua vida cristã.

Equipes de Nossa Senhora



Secretariado Nacional

R. Luis Coelho, 308
5º andar • cj 53 • 01309-902
São Paulo - SP
Fone: (0xx11) 3256.1212
Fax: (0xx11) 3257.3599
secretariado@ens.org.br
www.ens.org.br

Secretariado Internacional

49, rue de la Glacière
7º andar • 75013
Paris • França
Tel: (33) (1) 43 31 96 21
Fax: (33) (1) 45 35 47 12
end-internacional@wanadoo.fr
www.equipes-notre-dame.com